

11 de Dezembro 2017
Segunda-Feira
Semanário - Ano 2
Nº 89 / kz 400

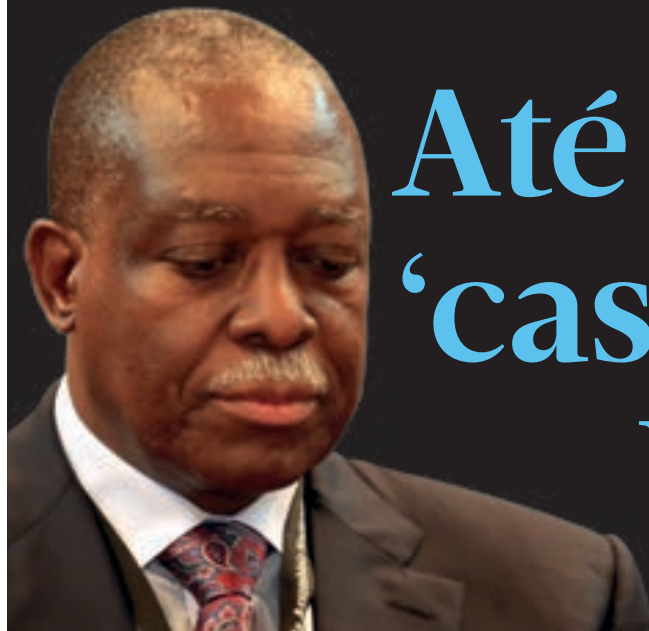
Director-Geral
Evaristo Mulaza



Mais liquidez na economia

A recente medida do BNA que prevê a descativação de kwanzas, anteriormente bloqueados para operações com estrangeiro, é aplaudida pelo sector empresarial que prevê menos constrangimentos de tesouraria para as empresas e as famílias. O BNA decidiu ainda reduzir o coeficiente das reservas obrigatórias. Pág. 14

OBSERVADORES COMENTAM...



Até onde vai o 'caso' Manuel Vicente?

Págs. 8 e 9

EMBAIXADOR ITALIANO CLAUDIO MISCIA

“Roma tem um grande potencial para a TAAG”

ENTREVISTA. Claudio Miscia é um dos vários diplomatas que acreditam nas potencialidades da agricultura e do turismo em Angola e pensa que mais investidores italianos teriam muito interesse em instalar-se no país. Mas, para isso, é preciso resolver o que designa de três 'ves'. Um deles é o tão necessário voo da TAAG de Luanda para Roma. Págs. 4 a 7



DESDE A CRISE DE 2014

Vendas de viaturas afundam 90%

As concessionárias de viaturas controladas pela ACETRO devem vender 4.324 unidades até ao fim do ano, menos 90,2% face às vendas de 2014, indicam dados provisórios da Associação que prevê ainda um 2018 menos animador. Pág. 13

Moedas AKZ 116,7 Kz (+0) ▲ EUR 198,39 Kz (+2,03) ▲ LIBRA 222,55 KZ (+1,69) ▲ YUAN 25,22 Kz (+0,08) ▲ RAND 12,2 KZ (+0,32) ▲

Descarregue a App

Visite o website: www.valoreconomico.co.ao



Editorial

‘QUO VADIS’?

A polarização do debate jurídico no caso Manuel Vicente não passa de uma verdadeira manobra de diversão. Portugal sabe de cor e salteado que as autoridades angolanas jamais deixariam o ex-vice-Presidente da República ser julgado em terras lusas. Nunca pelo crime de que é acusado. E Angola sabe que as autoridades portuguesas não podem ceder à primeira ameaça de bloqueio nas relações bilaterais.

No campo político, as justificações de parte a parte são compreensíveis. Do lado português, o governo de António Costa só se pode apegar na narrativa da separação de poderes. É qualquer coisa que faz sentido, porque, em teoria, a sociedade portuguesa está menos propensa hoje a tolerar interferências do governo na justiça. Muito menos por país que se chama Angola, com o qual, por muito que se negue no politicamente correcto, muitos segmentos da sociedade portuguesa mantêm uma relação de amor e ódio.

Do lado angolano, as explicações não se limitam no plano político. Não se trata somente, como certas leituras incompletas presumem, da defesa de todo um regime. Há também explicações de natureza emocional que rebuscam os tais sentimentos de amor e ódio, pelas conhecidas razões históricas.

Para segmentos notáveis

da sociedade angolana, não se imaginaria maior humilhação para o país do que assistirmos ao julgamento de um ex-vice-Presidente nos tribunais do ex-colono. E esta percepção não pode ser confundida com qualquer espécie de oportunismo teórico das autoridades angolanas. Os ressentimentos derivados da colonização (e mais uma vez, ainda que recusados no discurso politicamente correcto) ultrapassam, de longe, os condicionamentos das relações formais entre governos e instituições do Estado. Não é por acaso que grande parte da defesa pública em Angola contra o desejo português de julgar Manuel Vicen-

te relega para segundo plano a argumentação jurídica e rebusca a narrativa da soberania, ainda que não consiga explicá-la de modo convincente.

O desfecho que se espera do caso Manuel Vicente, como se poderá ler nas recentes palavras do ministro Manuel Augusto, não parece, portanto, deixar alternativa a Portugal que não seja o encaminhamento do processo para a justiça angolana. É a melhor hipótese que restará aos dois países, para não mencionar a pior na perspectiva portuguesa que seria a recusa terminante do processo por parte de Angola. A alternativa do braço-de-ferro indefinido seria estúpida e incompreensível. A apetência por sangue de certos segmentos de parte a parte e as circunstâncias de fricção nas relações formais serão sempre abafadas pela verdade dos laços familiares, culturais e – verdade seja dita – pelo realismo económico.

Até que tudo isso se esclareça, continuaremos a tentar desvendar as interrogações que se seguem, mas que, na verdade, poderiam desembocar numa única. Quais são os limites da mútua chantagem entre Angola e Portugal? Quão profunda poderá ser a fractura nas relações por conta dessa rixa? Onde começa e termina verdadeiramente a defesa dos interesses do Estado (de parte a parte)? Em que pontos concretos a soberania estará em causa? Qual é a linha que delimita o racional do emocional?



FICHA TÉCNICA

Director-Geral:

Evaristo Mulaza

Directora-Geral Adjunta:

Geralda Embaló

Editor Executivo: César Silveira

Editor Online: António Nogueira

Editor gráfico: Pedro de Oliveira

Redacção: António Miguel, Isabel Dinis, José Zangui, Nelson Rodrigues e Valdimiro Dias

Fotografia: Manuel Tomás, Mário Mujetes e Santos Samuessa

Secretária de redacção: Rosa Ngola

Paginação: Francisco de Oliveira, João Vumbi e Edvandro Malungo

Revisores: Edno Pimentel, Evaristo Mulaza e Geralda Embaló

Colaboradores: Cândido Mendes, Mateus da Graça Filho

Produção gráfica: Notiforma SA

Propriedade e Distribuição: GEM Angola Global Media, Lda

Tiragem: 4.000 **Nº de Registo do MCS:** 765/B/15

GEM ANGOLA GLOBAL MEDIA, LDA Administração:

Geralda Embaló e Evaristo Mulaza

Assistente da Administração: Mariquinha Rego

Departamento Administrativo: Jessy Ferrão e Nelson Manuel

Departamento Comercial: Arieth Lopes, Geovana Fernandes

comercial@gem.co.ao, **Tel.:** +244941784790-(1)-(2)

Nº de Contribuinte: 5401180721;

Nº de registo estatístico: 92/82 de 18/10/82

Endereço: Rua Fernão Mendes Pinto, nº 35, Alvalade,

Luanda/Angola, Telefones: +244 222 320510,

222 320511 Fax: 222 320514

E-mail: administracao@gem.co.ao

A semana

3 PERGUNTAS A...



Sílvio Almada

Presidente da AAPSI

Como alterar o quadro de poucos usuários de internet?

De facto. Os trabalhos estão a caminhar para o crescimento. À medida que os operadores forem criando mais capacidade de acesso, mais elementos vão poder utilizar a internet. Actualmente, já existem cerca de cinco milhões de usuários. Para o número de habitantes, é insignificante. Há ainda espaço para o crescimento.

O serviço de internet em Angola é dos mais elevados da SADC?

Não é real. Cada país tem determinados custos para a prestação de serviços. Angola, tendo em conta os custos operacionais, tem o valor que, se comparado a outros produtos, tem um preço razoável.

Considera 500MB a 1.250 kwanzas barato?

Não digo que seja totalmente. O provedor põe os seus preços de acordo com os custos. Não vai prestar serviço para perder. Há que se ter uma margem para poder manter o serviço. Os custos são altos para manter todos os serviços a funcionar com qualidade. As restrições de divisas agravaram os custos. Os provedores também têm esses problemas. Podemos considerar a internet boa em relação aos outros países da região.

05 TERÇA-FEIRA

A administração da Sonangol anunciou o término, por mútuo acordo, do contrato com a consultora PwC, para auditoria externa da petrolífera rubricada a 1 de Novembro por Isabel do Santos, alegando conflito de interesses. A empresa tinha já sido contratada como consultora do processo de transformação, em 2016.

06 QUARTA-FEIRA

O ministro da Construção e Obras Públicas, Manuel Tavares de Almeida, considerou "caluniosas" as notícias sobre um alegado desvio de 88 milhões de kwanzas, atribuído ao actual secretário de Estado da Construção, Manuel D'Abril. O ministro defende que o objectivo da notícia é sujar o bom nome do secretário de Estado.

07 QUINTA-FEIRA

O ministro da Agricultura e Florestas, Marcos Nhunga, iniciou uma visita de trabalho de cinco dias a Brasília, durante a qual pretende analisar a possibilidade de negociação de linhas de financiamento do Brasil para investimentos na agropecuária.



08 SEGUNDA-FEIRA

Os industriais de panificação e pastelaria prometeram propor ao Governo a atribuição de um 'plafond' em divisas para assumir, com uma cooperativa própria, a importação de equipamentos e matéria-prima, travando a especulação no sector. A informação foi avançada pelo presidente da Associação das Industriais de Panificação e Pastelaria de Angola (AIPPA), Gilberto Simão.

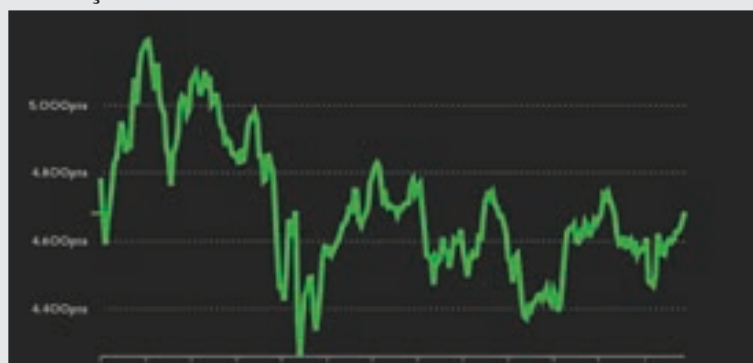
O advogado Luís Paulo Monteiro toma posse como novo bastonário da Ordem dos Advogados de Angola. Foi confirmado no dia anterior com 80% de um total de 674 votos, depois das eleições que aconteceram a 1 de Dezembro com uma única lista.

A direcção do grupo empresarial Felizander promete melhorar a qualidade de água de mesa 'Clara' produzida em Viana, depois da suspensão da sua produção, no mês passado, pelo Ministério da Indústria por irregularidades.

O Conselho Superior da Magistratura do Ministério Público propôs ao Presidente da República a promoção de três actuais procuradores adjuntos para sucederem a João Maria de Sousa na liderança da Procuradoria-Geral da República.



COTAÇÕES



LISBOA FECHA SEMANA EM GRANDE

O índice de referência do mercado bolsista português, o PSI 20, fechou, até à tarde da última quinta-feira, no verde, a valorizar 0,27% para 5.392,14 pontos, com 13 cotadas a subir e cinco a descer. A Bolsa de Lisboa acompanha a tendência na Europa, onde as principais praças negociaram, no período, com ganhos. O destaque está no retalho. As acções da Jerónimo Martins avançaram 1,07% para 16,550 euros, enquanto as da concorrente Sonae subiram 0,74% para 1,091 euros.



PETRÓLEO GANHA VIDA COM SUBIDA DAS RESERVAS

O petróleo está a recuperar parte do terreno perdido na véspera, quando foi penalizado pela divulgação de um aumento das reservas de gasolina nos Estados Unidos. O WTI em Nova Iorque soma 0,3% para 56,13 dólares e o Brent em Londres avança 0,46% para 61,50 dólares, depois de na última sessão ter recuado 2,61%. O aumento dos 'stocks' de gasolina nos tanques de armazenamento dos EUA sugere que as refinarias poderão não precisar de processar tanto crude quanto o que está a disponível para entrega.

Entrevista

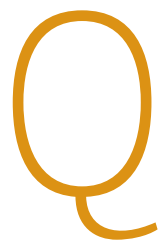
CLAUDIO MISCIA, EMBAIXADOR ITALIANO EM ANGOLA

“A rota Luanda/Roma tem grande potencial para a TA

O diplomata aponta o desenvolvimento sustentável do turismo angolano como fundamental para a atracção do empresariado italiano e cita a existência de voos directos entre Luanda e Roma como um dos principais obstáculos para o incremento do investimento italiano no país.



Por César Silveira



Que significado tem a visita do chefe de governo italiano, Paolo Gentiloni, para as relações entre Angola e Itália?

Fizemos questão de ser o primeiro país do hemisfério norte a ter o seu chefe de governo a visitar Angola, depois das eleições. Antes, tinha havido a pequena cimeira sobre o Zimbábue que contou com a presença dos presidentes da Zâmbia e África do Sul. Há-de lembrar que a Itália foi o primeiro país ocidental a reconhecer a independência de Angola, em 1976. Angola estava num outro

Fizemos questão de ser o primeiro país do hemisfério norte a ter o seu chefe de governo a visitar Angola, depois das eleições.

bloco e não era tão fácil para os países ocidentais. A presença do nosso primeiro-ministro, como o primeiro chefe de governo europeu a visitar Angola, significa estreitar

e confirmar os laços históricos de amizade. Esse é o grande significado do momento em que a visita foi realizada. Em termos de perspectivas tem muito mais. Ajudar Angola a diversificar a economia naquilo que somos mais capazes de fazer, que é agricultura, produção alimentar, produção de maquinarias, organização das empresas e turismo.

O primeiro-ministro também recebeu o Presidente João Lourenço quando apenas era candidato às eleições. Não é muito comum. Certo?

Foi recebido, enquanto portador de uma mensagem do então presidente da República, José Eduardo dos Santos. Mas também assim, não é muito comum, foi feita uma excepção dada a estatura e o significado daquele ministro, na altura.

É verdade que serviu para começar a estreitar alguns laços de amizade que depois concretizaram-se com a recente visita.

Não consideraram a possibilidade de comprometerem as relações caso o vencedor das eleições não viesse a ser o MPLA?

Não porque, como disse, ele foi recebido como portador de uma mensagem do chefe do Executivo angolano. Se um outro candidato vencesse, teríamos as mesmas relações de amizade que são entre a Itália e Angola independentemente de quem seja o presidente de Angola e qual seja o chefe do governo italiano. Esses laços não são limitados ao que veio a acontecer depois da independência de Angola em 1975, são muito mais profundo.

E têm o reflexo desejado nas rela-

ções económicas?

A relação económica entre os dois países tem uma realidade que está a recuperar porque, com a crise, tivemos um momento de flexão, mas existe uma grandíssima potencialidade. Há vários aspectos que podem ser examinados. O primeiro é a ENI que é a maior empresa italiana que opera em Angola. É uma das pouquíssimas empresas petrolíferas que estão a incrementar os seus investimentos em Angola. É muito importante porque os poços de petróleo, uma vez exauridos, acaba a renda para o país que os detém e há necessidade de se encontrarem novos. A ENI é a realidade mais importante que temos nas relações, mas há outras que se referem à diversificação da economia. A segunda maior empresa italiana, em volume de negócios, é a INALCA, uma

“Uma parte da frota italiana poderia vir pescar em Angola. A Itália tem peixes que são pouco apreciados pelos italianos, mas muito pelos angolanos.”

um
AG”

a parte do petróleo que é sempre muito importante e muito grande. Na fotografia actual das relações económicas, temos em perspectiva uma potencialidade. Reside no facto de as nossas economias serem complementares. A Itália tem uma grande capacidade de produção e transformação de produtos agrícolas, exporta comida. Mas poucos sabem que uma parte é exportada depois de ser importada e elaborada na Itália. Isso dá a possibilidade de Angola, que tem muitas terras férteis e por lavrar, ser um lugar de produção de muitos produtos agrícola que não são produzidos na Itália.

Quais são estes produtos?

Temos o maior crescimento de consumo de frutas tropicais, mas não produzimos ananás, banana, cacau e nem café. A Itália tem a maquinaria necessária para este tipo de produção. Há ainda o exemplo da pesca. Temos uma capacidade pesqueira que vai além da possibilidade de exploração das águas do mediterrâneo que já foram muito exploradas. Uma parte da frota italiana poderia vir pescar em Angola. A Itália tem peixes que são pouco apreciados pelos italianos, mas muito pelos angolanos. É o caso do carapau. E Angola tem peixes que são uma fineza na Itália e são normais em Angola. É o caso do espada ou do camarão vermelho. Na Itália, o camarão vermelho é sinónimo do máximo que se pode encontrar. As pedras são outro exemplo, Angola tem mármore que são maravilhosos e a Itália é o mais famoso país pela produção de mármore e não apenas porque tem o mármore de Carrara, mas também porque produz as maquinarias que são consideradas as melhores do mundo para cortar, produzir e limpar este mármore. Há muitíssimos destes exemplos, poderia continuar a falar. O turismo, seria uma vantagem para Angola porque a Itália o que mais produz são turistas.

E há empresários italianos com interesse nestes sectores?

Temos empresários italianos que querem investir, mas há alguns problemas. Existem alguns obstáculos que deveriam ser removidos para incrementar a possibilidade dos empresários italianos investirem em Angola. É o que eu chamo dos três “vês”. O primeiro é o visto,

Existem alguns obstáculos que deveriam ser removidos para incrementar a possibilidade dos empresários italianos investirem em Angola.

A Itália não dá muitos vistos para angolanos, mas damos, praticamente, a todas as solicitações, há uma taxa muito baixa de recusa

aceder a Angola é muito problemático por causa do visto. Há que ter em atenção que a estrutura do sector empresarial italiano é feita de muito poucas grandes empresas (vocês conhecem a ENI e também a Fiat) e muitas pequenas e médias. O dono de uma empresa pequena é uma pessoa que trabalha na mesma empresa, às vezes, é o director. Essa pessoa não vai fazer uma viagem para ver que possibilidades de negócios há em Angola se precisar de dois dias para obter o visto. No seu comício, o Presidente Lourenço falou da necessidade de simplificar o sistema dos vistos e está a fazer. Em 60 dias de presidência, foram tirados os vistos de turismo e de negócio com Moçambique e África do Sul. Temos uma perspectiva de eliminação de um dos obstáculos que é muito pesado, especialmente para a indústria italiana que é dominada pelas pequenas e médias empresas.

Quais são os outros “vês”?

O segundo são os voos. Não há uma ligação directa entre Angola e Itália. Seria fantástico se um dos aviões Boeing 777 da TAAG fosse utilizado para um voo Luanda/Roma directo que depois poderia seguir para outras capitais como Estocolmo ou Moscovo, entre outros lugares onde há interesse por Angola. Para ir à Itália tem de se fazer desvios muito grandes, passando por Lisboa ou Dubai. O mais directo é Ethiopia, mas demora quase um dia. O terceiro ‘vê’ é o mais problemático. É o valor da divisa. As empresas italianas, como todas as empresas, têm tido dificuldades em adquirir euro e, as vezes, de receber os pagamentos pelos serviços prestados. Essas dificuldades, em alguns casos, paralisaram empresas italianas e,

em poucos casos, mas significativos, obrigaram empresas a abandonar Angola. Esse problema, sem dúvida, impede que novas empresas venham com confiança. Foi um dos assuntos que foi tratado entre os dois chefes de governos e foi recebido com muita compreensão e disposição em resolver, em tempos razoáveis, pelo Presidente da República e também pelo ministro das Finanças que esteve nos encontros.

Nunca esteve sobre a mesa a possibilidade de negociar a supressão dos vistos ou outros mecanismos?

A Itália não tem capacidade para assinar protocolos de supressão por estar integrada no sistema de vistos Schengen. O problema não é tanto a supressão, mas a maneira como são dados os vistos. Seria a melhor solução, mas outra possível seria a de dar o visto na fronteira, pagando o preço equivalente ao que pedimos para quem vai à Itália. Manteria o equilíbrio entre os dois estados. Ou um sistema, como está a ser estudado, de se obter o visto à distância e em poucas horas. Também seria necessário que Angola tivesse um visto turístico que permitisse às pessoas virem quando quisessem porque é isso que traz os turistas. A solução passa por examinar quais as dificuldades e eliminá-las. A Itália não dá muitos vistos para angolanos, mas damos, praticamente, a todas as solicitações, há uma taxa muito baixa de recusa e uma quase inexistente de angolanos que entram na Itália sem visto ou clandestinamente. Entre toda esta onda de emigração que chegou à Itália, nos últimos anos, foram centenas de milhares de pessoas, só havia dois que se declararam angolanos, mas se declarar não quer dizer que fossem.

Falou da necessidade de se equilibrarem os preços dos vistos. Existe muita diferença?

O preço do visto da Itália é o equivalente a 100 euros, é pagos ao cambio oficial e o preço do visto angolano custa 250 euros, mas o problema não é tanto o preço, mas sim o tempo que precisam para obter o visto.

Nunca houve negociação no sector da aviação?



empresa de alimentação que está a construir um grande ‘hub’, um centro de agro-pecuária, no centro de Angola, vai servir não só o país, mas também os países vizinhos. Será muito importante para o desenvolvimento da produção e exportação de alimentos.

Quantas empresas italianas operam no país?

Nem todas passam pela embaixada, mas estarão entre 40 e 80 nos vários âmbitos da nossa capacidade industrial, agrícola, pecuária e pesca. Algumas têm enfrentado problemas para recuperar os créditos ou divisas para a reexportação ou para a importação de elementos que são essenciais para as suas actividades. Também há um comércio que recuperou muitíssimo desde 2016. Nos primeiros sete meses de 2017, os números já tinham ultrapassado os níveis de todo 2016, fora

Entrevista

CONTINUAÇÃO DA PÁG. 5

Nós temos uma companhia que é particular e faz os seus programas. Vejo mais possibilidades de ser a TAAG a voar para Roma. A companhia da Itália estava disposta a assinar os acordos de aquisição de lugares, segundo os acordos que as companhias bem sabem fazer. Vejo que existe uma potencialidade e, sobretudo, uma capacidade de voo da TAAG que ainda não está explorada.

Além dos três “vês” existem outras situações que preocupam as empresas italianas no país?

Os ‘vês’ são os obstáculos para os novos empresários. Nós conseguimos trazer alguns empresários para participar em reuniões e ficam abismados pelas potencialidades do país e, quase todos, ficam no país mais tempo do que os programados. Este é um sinal. O que quero fazer entender é como funciona uma pequena e média empresa que é o tecido da produção italiana. É o dono que faz uma viagem turística, vai ver um jogo de futebol ou vai de férias e analisa as oportunidades. Se nós tivéssemos empresários tirando uma semana de férias no Mussulo ou no Namibe, eles iriam ver e reconhecer as possibilidades de negócios e voltariam.

Assim funcionam as empresas italianas, é preciso que eles venham para ver o que há de bom. Angola tem de desenvolver um turismo sustentável, que faça apreciar as suas belezas como as Cataratas de Kalandula, Fenda de Tunda-Vala ou o Deserto do Namibe. São coisas únicas que os italianos adorariam, assim como as praias, as belezas culturais como Mbanza Congo. Isso com a facilidade de viagem, começaríamos a ter as pessoas a virem, reconhecer as possibilidades e a formar em parcerias precisas para desenvolver a diversificação da economia angolana.

A edição de 2015 da FILDA contou com uma participação numerosa de empresários italianos. Teve ‘feedback’ destes empresários?

Sim. Depois de 2014, foi aberto o escritório do Instituto do Comércio Exterior da Itália na embaixada. É assim que temos um grupo de pessoas que estão a lidar exclusi-

Se nós tivéssemos empresários tirando uma semana de férias no Mussulo ou no Namibe, eles iriam ver e reconhecer as possibilidades de negócios e voltariam.

Sei que há bancos particulares italianos que estão concedendo créditos a operações de investimentos feitos em Angola.

vamente com o crescimento do comércio. Passámos a italianos a participar na FILDA e angolanos a irem para as várias feiras na Itália. Isso já se percebe nos números, há um crescimento no comércio directo entre os dois países. Os produtos italianos eram importados através de países que já tinham maiores relações com Angola. O que estamos a fazer, além do crescimento das vendas, é baixar o custo o que é melhor para o empresário italiano e para o consumidor angolano. Isso também criou algumas parcerias que estão a ser desenvolvidas. Vou dar um exemplo. Veio cá um empresário para uma destas reuniões que organizamos e, num dia livre, foi visitar um empreendimento agrícola. Encontrou tractores e máquinas de transformação agrícola de sua produção, mas tinham sido vendidos por outra empresa, aumentando o preço e não eram as máquinas apropriadas para aquele trabalho. Nasceu logo um acordo.

Em quanto estão avaliadas as



PERFIL

Na diplomacia há 25 anos

Nascido a 18 de Maio de 1966, Claudio Miscila está em Angola desde Junho de 2016. Este ano completou 25 anos desde que se estreou como diplomata, em Zurique onde desempenhou a função de vice-cônsul. Licenciado em ciências políticas pela Universidade de Roma foi ainda cônsul-geral em Rosário, Argentina e conselheiro na representação permanente junto da ONU em Roma, bem como vice representante, permanente da Itália junto da FAO, função que desempenhou antes de ser indicado para Angola.

trocas comerciais entre os dois países?

Nos primeiros meses de 2017, estava em 700 milhões de euros com uma potencialidade de mil milhões de euros até final do ano. Está a crescer, comparativamente a 2016. Ainda não chegou aos níveis precedentes a 2014, o máximo foi em 2011, mas o intercâmbio comercial não dá exactamente os níveis das relações. Primeiro porque o principal produto é o petróleo que tem um preço variável, pode-se importar a mesma quantidade mas ter o preço diminuído pela metade. Segundo, nem todos os produtos

italianos chegam directamente da Itália. E, terceiro, a Itália faz parte da União Europeia que é uma unidade aduaneira e, às vezes, os italianos exportam de portos que não são italianos e a importação parecerem, por exemplo, holandesa. Acho que devemos olhar para os dados, mas não nos fazer enganar por eles.

Qual é o nível de solicitação de vistos para a Itália?

Baixou para cerca de dois mil vistos por ano. Até 2014, tínhamos, mais ou menos, o dobro. É preciso ter em conta determinadas situa-

ções, porque a leitura das estatísticas pode sempre ser feita de uma maneira ou de outra. Nós incrementámos a duração dos vistos para os homens de negócios, por exemplo, o que significa que há menos pedidos de vistos. Por outro lado, muitos dos que vão à Itália já têm vistos de outros países, quem dá mais visto da Europa é Portugal. Se a alguém vai a Roma, que não tem voo directo, é provável que faça uma etapa em Lisboa, então vai ter de pedir o visto à embaixada de Portugal. Portanto, não conseguimos saber, com exactidão, quantas pessoas viajam para Itália. Podemos tentar imaginar quantas viajariam. Temos indicações de que muitas pessoas gostariam de ir por motivos turísticos, de negócio e também de estudo e religiosos.

É possível estimar o nível de investimento feito por empresas italianas, sobretudo as grandes no país?

Não consigo avançar os números, posso dar-lhe uma indicação

“Nós conseguimos trazer alguns empresários para participar em reuniões e ficam abismados pelas potencialidades do país e, quase todos, ficam no país mais tempo.”



Sobre a refinaria que será construída, sei que a Sonangol está a estudar os possíveis parceiros, não sei se será a ENI, mas, claramente, que tem toda capacidade de fazer.

para as empresas menores. Estamos a falar de centenas de milhões de euros. Da ENI não sei porque escapa totalmente a minha capacidade de cálculo. Mas sei que vai rumo à produção de 200 mil barris por dia, nesta altura está em cerca de 150 mil, o que representa um investimento considerável.

A ENI é o provável parceiro da Sonangol para a construção da segunda refinaria do país?

No acordo que foi assinado, está escrito que a ENI participará no aumento da produtividade da refinaria de Luanda o que é importante, porque a construção de uma nova refinaria é muito mais cara do que aumentar a produtividade de uma que já existe. Também, Luanda é o principal pólo de consumo dos carburantes do país, ter a refinaria em Luanda também reduz o custo com o transporte. Sobre a refinaria que será construída, sei que a Sonangol está a estudar os possíveis parceiros, não sei se será a ENI, mas, claramente, que tem toda a capaci-

dade de fazer.

Há algum interesse de empresas do sector financeiro para o mercado angolano?

Sei que que há bancos particulares italianos que estão concedendo créditos a operações de investimentos feitos em Angola, não quero citar nomes porque não temos uma indicação directa destes bancos. Depois, há a empresa estatal italiana que fez algumas operações de protecção de vendas do nosso país Angola. Há ainda um banco que está a trabalhar com os angolanos, mas não tenho conhecimento de outros interesses neste sector.

Qual é o valor da dívida para com as empresas italianas, é um valor considerável?

É um volume grande para as próprias empresas porque são médias e pequenas, mas não é um volume grande para o Estado. Estamos a falar de um total de mais de 90 milhões de euros e, as vezes, não são muito difíceis de resolver, porque a empresa angolana, por vezes, tem o dinheiro, pode pagar, mas não pode adquirir as divisas.

Como avalia os primeiros meses de presidência do Presidente João Lourenço?

Está claro que, mesmo os mais optimistas dos observados entre os quais eu me coloco, estão maravilhados pela velocidade das mudanças, pela implementação das reformas e não há-de esconder que a visita do nosso Presidente do Conselho de Ministros também serviu como um apoio a nível internacional às reformas que o novo executivo está a fazer. Normalmente, começa a falar-se das medidas depois dos primeiros cem dias, mas, depois de dois meses, já estamos a falar com grande admiração e eu quero juntar-me a esta onda de admiração. Porém, mantendo a esperança de que isso siga e que se aprofunde no sector económico que é o mais difícil. A Itália está prestes a fazer a sua parte. Queremos ajudar a passar este período de crise económica de Angola no que sabemos fazer, respondendo ao apelo que foi feito pelo próprio Presidente João Lourenço por ocasião da visita. Disse que as empresas italianas têm de vir para Angola fazer o que elas sabem fazer de melhor e é isso que queremos fazer.

PUB

Todas as segundas-feiras Angola tem mais...



Assinaturas:
 assinaturas@gem.co.ao
 comercial@gem.co.ao



GEM ANGOLA GLOBAL MEDIA, LDA
 Contactos comerciais: 941 784 791 - 941 784 792
 Rua Fernão Mendes Pinto, nº 35, Alvalade, Luanda - Angola

Economia/Política

CASO MANUEL VICENTE CRISPA RELAÇÕES ENTRE ANGOLA E PORTUGAL

Juristas apelam ao sentido de Estado



Manuel Vicente, ex-vice-Presidente da República e ex-presidente da Sonangol, Manuel Vicente

CRISE DIPLOMÁTICA. Especialistas defendem que a ‘Operação Fizz’, que envolve o ex-vice-Presidente, deva ser tratada somente a nível da Justiça para não se colocar em causa os interesses de Estado que ainda prevalecem entre os dois países.

Por António Nogueira

O caso apelidado de ‘Operação Fizz’, que envolve o ex-vice-Presidente da República e ex-presidente da Sonangol, Manuel Vicente, e a Justiça portuguesa é um assunto que, segundo alguns juristas angolanos, deve continuar a ser “tratado somente a nível judiciário, sem ter de colocar em causa os interesses dos dois Estados”.

O jurista Abel Gamba entende que Angola estará “a exercer uma espécie de pressão psicológica a Portugal para que o caso seja somente tratado a nível do sistema judiciário”, área onde os dois países possuem acordos bilaterais. Embora acredite que Angola deverá mesmo levar a pressão “até aonde puder”, caso persista o posicionamento das autoridades lusas, não crê, no entanto, que as actuais crispções venham a criar rupturas nas relações entre os dois Estados.

O especialista apela, porém, a que o sistema judiciário angolano “realmente funcione”, caso o Ministério Público português ceda

às ‘pressões’ das autoridades angolanas, nomeadamente do Ministério das Relações Exteriores, cujo titular, Manuel Augusto, já fez saber que, “enquanto o caso não tiver um desfecho, o Estado angolano não se moverá nas acções de cooperação com Portugal”.

O apelo do jurista vai no sentido de se entender que, caso haja conclusões de que os “actos políticos de Manuel Vicente lesaram, em grande medida, os cidadãos”, a Procuradoria-geral da República (PGR) deveria instá-lo a responder à acusação de que está a ser alvo. Mas isso, como diz, “não se pode confundir com uma extradição”. “Quando há manifestação de vontade própria por parte de um cidadão em responder a um processo judicial, ainda que seja através de uma carta rogatória apresentada pelo sistema de justiça do país que condena, vai na normalidade. Então é necessário que haja sentido de Estado”, advoga.

“O próprio ex-vice-Presidente deverá compreender que se cometeu um crime, não deve condicionar o crescimento do país em detrimento dos seus próprios ideais. Se não cometeu nenhum crime deverá provar isso em tribunal. Porque se se provar que não cometeu um crime, tem toda a prerrogativa de intentar judicialmente

contra o próprio tribunal português”, sugere Abel Gamba.

Quem igualmente defende que o processo deva ser tratado no fórum jurídico é Inglês Pinto, realçando, no entanto, que os dois países devem, em primeira instância, privilegiar os interesses de Estado e da Nação, ao invés de olharem para a situação de “forma particular”. “Está em causa um cidadão que exerceu actividades políticas de alta responsabilidade. Agora, compete às entidades quer portuguesas, quer angolanas, analisar a situação que deve ser com base na legislação vigente. É preciso analisar o que um país quer do outro, tendo em conta os acordos que existem. Agora, os debates são naturais. Até porque as posições jurídicas são divergentes de uns e de outros”, considera o jurista.

Inglês Pinto reitera, porém, que casos dessa natureza não podem pôr em causa, em última instância, as relações e interesses económicos entre as nações. “Quer um Estado, quer outro têm de pensar nessa base”, apela.

NORMALIDADE EM BREVE?

Um alto funcionário da Embaixada de Portugal em Angola, que preferiu não ser identificado, admitiu, ao VE, que o caso que envolve Manuel Vicente e a Justiça lusa



O FUNDO DA ONU para a Alimentação e a Agricultura (FAO) apelou à União Europeia (UE) e à agência de cooperação dos Estados Unidos (USAID) ajuda para minimizar os efeitos da seca no Sul de Angola, noticiou a Lusa.



A PROVÍNCIA de Luanda apresenta necessidades diárias de cerca de 1,2 milhões de metros cúbicos de água, para uma capacidade real disponível, inferior à metade, de 516,582 metros cúbicos, informaram, na passada quinta-feira, as autoridades.

Relações comerciais em queda

Até ao segundo trimestre deste ano, Portugal manteve-se na liderança entre os países que mais vendem a Angola, à frente da China, que compra metade do petróleo, tendo aumentado o volume de negócios em 47%, no período em referência, face a igual período do ano anterior.

Os dados, que constam do documento estatístico sobre comércio externo do elaborado pelo Instituto Nacional de Estatística de Angola (INE), destaca, porém, que Portugal atingiu uma quota de 17,3% de total de importações angolanas (14,89% em todo o ano de 2016), equivalente a 90.175 milhões de kwanzas (463 milhões de euros).

Entretanto, apesar de ver as vendas para Angola aumentarem em termos homólogos, o volume de negócios de Portugal caiu ligeiramente (-4,5%), face ao primeiro trimestre de 2017, em que o país luso também liderou

na origem das importações angolanas.

Tal como no primeiro trimestre de 2016, este ano Portugal voltou a não constar do grupo de 10 principais destinos das exportações angolanas. Aliás, o Presidente da República, João Lourenço, já havia sinalizado, durante o seu discurso de tomada de posse, em Setembro, que Portugal não faria parte da lista de principais parceiros, tendo sublinhado que Angola considerará todos que “respeitem” a soberania nacional.

“Angola dará primazia a importantes parceiros, tais como Estados Unidos da América, República Popular da China, a Federação Russa, a República Federativa do Brasil, a Índia, o Japão, a Alemanha, a Espanha, a França, a Itália, o Reino Unido, a Coreia do Sul e outros parceiros não menos importantes, desde que respeitem a nossa soberania”, disse, na ocasião João Lourenço.



está, de facto, a criar “mal-estar” e um “certo congelamento” nas relações entre os dois países, o que lamenta. No entanto, perspectiva, ainda assim, “melhores dias” na cooperação entre os dois Estados, em breve, tendo em conta os laços históricos que ambos possuem, acreditando que “as actuais barreiras deverão ser ultrapassadas pelos interesses colectivos dos dois Estados”.

O primeiro-ministro português, António Costa, à margem da cimeira Europa-África que se realizou na Costa do Marfim, declarou “ter ficado claro que o único irritante que existe nas nossas relações é algo que transcende o Presidente da República de Angola e o primeiro-ministro de Portugal, transcende o poder político, e tem que ver com um tema da exclusiva responsabilidade das autoridades judiciais portuguesas”.

Em declarações aos jornalistas, depois de ter mantido um encontro com João Lourenço, António Costa sublinhou que a questão se prende “exclusivamente com matérias judiciais” e argumentou que “não podem nem devem condicionar a política externa portuguesa”.

Questionado sobre se Angola também terá esse entendimento, o primeiro-ministro respondeu que sim. “Sim, muito claramente, isso foi reafirmado [no encontro que manteve com o Presidente de Angola]. Percebo

MEMORIZE

- O GOVERNO português também já se pronunciou publicamente em relação ao assunto em questão, com o primeiro-ministro luso, António Costa, a declarar publicamente ter ficado claro que “o único irritante” nas relações entre Angola e Portugal é algo que transcende o Presidente da República de Angola e o primeiro-ministro de Portugal.



as razões que Angola coloca, mas é hoje muito evidente que há uma distinção clara entre o que é o entendimento das autoridades políticas portuguesas e aquilo que é matéria das autoridades judiciais”, salientou o chefe do governo português.

António Costa afirmou ainda que os dois países “estão a ultrapassar as dificuldades económicas recentes” e que isso “permite encarar com optimismo e confiança o crescimento das relações económicas nos próximos anos” com o principal parceiro comercial português na África subsaariana, que é Angola.

Depois do encontro bilateral entre o Presidente de Angola e o primeiro-ministro português, o ministro das Relações Exteriores, Manuel Augusto, reafirmou que as relações entre os dois países “são excelentes”, mas que estão “ensombradas por um caso específico que releva da actuação da justiça portuguesa”.

“Angola respeita a separação de poderes, mas a única coisa que queremos é que o poder judicial português deva ter em conta os interesses de Portugal e de Angola”, disse o governante. “A razão de Estado aplica-se aqui. Enquanto o poder judicial português entender que as relações entre os dois Estados são menos importantes do que o cumprimento deste processo na direcção em que está a levar, nós aguardaremos”, alertou, concluindo que o caso de Manuel Vicente está politizado, porque nem pelo valor material, nem pelas consequências da sua acção, justifica “todo este estardalhaço”. “Se

é um problema político, então vamos tratá-lo politicamente”, concluiu.

‘OPERAÇÃO FIZZ’ VISTA POR DENTRO

De acordo com a imprensa lusa, o Ministério Público (MP) já enviou para o Tribunal de Instrução Criminal o caso ‘Operação Fizz’, em que Manuel Vicente é suspeito de ter corrompido Orlando Figueira quando este era procurador no Departamento Central de Instrução Criminal (DCIAP), divisão do MP que investiga a criminalidade mais grave, organizada e sofisticada, designadamente de natureza económica.

Em causa, estarão alegados pagamentos de Manuel Vicente, no valor de 760 mil euros, ao então magistrado para obter decisões favoráveis em dois inquéritos que tramitaram no DCIAP.

Manuel Vicente está acusado de corrupção activa na forma agravada, branqueamento de capitais e falsificação de documentos.

A decisão do DCIAP de enviar os autos para instrução (fase processual seguinte à acusação) surgiu numa altura em que, após um pedido do MP português para notificar Manuel Vicente, o Procurador-Geral de Angola decidiu pedir um parecer ao Tribunal Constitucional angolano, o que atrasou a diligência.

REACÇÕES



Abel Gamba,
jurista



O próprio ex-vice-Presidente deverá compreender que se cometeu um crime, não deve condicionar o crescimento do país em detrimento dos seus próprios ideais. Se não cometeu nenhum crime deverá provar isso em tribunal. Porque se se provar que não cometeu um crime, tem toda a prerrogativa de intentar judicialmente contra o próprio tribunal português



Inglês Pinto,
jurista



Está em causa um cidadão que exerceu actividades políticas de alta responsabilidade. Agora, compete às entidades quer portuguesas, quer angolanas, analisar a situação que deve ser com base na legislação vigente.



Economia/Política

REGISTOS INICIARAM EM 2015

Operadoras de telefonia registaram 10,4 milhões de clientes

TELECOMUNICAÇÕES. Angola tem mais de 10,3 milhões de utilizadores da rede móvel 87,3% dos quais correspondem à Unitel. Mas faltam quase três milhões de cartões fazerem o registo obrigatório.



Carvalho da Rocha, ministro das Telecomunicações e Tecnologias de Informação e Comunicação.

Por Isabel Dinis

Angola registou, até Outubro deste ano, 10,4 milhões de cartões da telefonia móvel e fixa, revelou o Instituto Angolano das

Comunicações (Inacom) ao VALOR, com dados obtidos depois de se ter iniciado a obrigatoriedade de se registarem os números de telefone.

Dados oficiais indicavam, em 2016, que Angola tinha cerca de 13 milhões de utilizadores de telemóveis, o que significa que haverá cerca três milhões de registos por fazer, descontados os números que terão entrado em funcionamento este ano.

Do total de utilizadores, a operadora Unitel detém nove milhões, cerca de 87%, e a Movitel, 1,3 milhões.

De acordo com os dados do Inacom, a Unitel registou 95% dos seus clientes, a Movitel 71% e a operadora estatal Angola Telecom apenas 37,5%. Neste último caso, a percentagem representa 57 mil clientes.

13

Milhões de utilizadores de telemóveis em 2016

O registo obrigatório iniciou-se em 2015 e o Governo apresentou, como razões para ter adoptado a medida, a prevenção dos “efeitos maléficos e criminais, desvirtuadores dos bons usos e costumes socioculturais do país com o combate ao uso abusivo por algum segmento da sociedade das redes e serviços de comunicações electrónicas”.

O procedimento mostrou não ser “uma tarefa fácil”, chegou a admitir o ministro das Telecomunicações e Tecnologias de Informação e Comunicação, Carvalho da Rocha, que defendeu a “necessidade de garantir o uso das tecnologias de um modo cada vez mais seguro”. “Pedimos desculpas pelos transtornos causados aos utentes, mas era importante fazer esse exercício”, chegou a reiterar o governante, em conferência de imprensa de balanço

do sector das comunicações.

BLOQUEIO EM VIGOR

As operadoras de telefonia já começaram a efectuar o bloqueio dos cartões de utentes que não efectuaram o registo, segundo o presidente do conselho de administração, do Inacom, ao VALOR, António Benge. “Muitos números já estão bloqueados e o processo vai continuar nos próximos tempos se os utilizadores não efectuarem o registo”, alertou, sem, no entanto, revelar números.

O bloqueio dos números ocorre 30 dias depois de as operadoras efectuarem avisos aos clientes. Após o fim desse tempo, o número é bloqueado definitivamente e os saldos revertidos para o Fundo de Apoio às Comunicações (FADCOM).

LÍDERES DO MERCADO

Os últimos dados estatísticos do Inacom dão conta que Angola contava, até ao ano passado, com 13 milhões de usuários de telemóveis.

O país tem ainda 4,1 milhões de utilizadores de internet, 304.493 da rede fixa. A Unitel liderava o mercado da telefonia móvel, com 73%, enquanto os clientes da Movitel correspondem a 27%. Na rede fixa, a Angola Telecom é a ‘campeã’ com 68% da quota de mercado, a MS Telecom com 18%, a TV Cabo com 12% e a Startel com apenas 2%.

NA PROVÍNCIA DO ZAIRE

Dois mil milhões de dólares na produção de fertilizantes

Uma fábrica com capacidade para produzir dois milhões de toneladas de fertilizantes, por ano, será construída no município do Soyo, província da Zaire, anunciou, em Luanda, o presidente do Grupo empresarial Haldor Topsoe da

Dinamarca. O projecto está avaliado em dois mil milhões de dólares, totalmente privado e será erguido em três anos, informou a imprensa o presidente do grupo, Bjerne Clausen, à saída de uma audiência com o Chefe de Estado

angolano, João Lourenço.

A fábrica vai criar quatro mil postos de trabalho directos e quarenta mil indirectos. Entre 2016 e 2017 as necessidades de importação de fertilizantes para país apontavam para 70 mil toneladas.



O INADEC exige dos comerciantes uma conduta responsável, sobretudo neste período de quadra festiva e, para desencorajar algumas práticas, criou comissões multi sectoriais de fiscalização comercial.



O MINISTRO DO COMÉRCIO, Joffre Van-Dúnem procedeu, no dia 5 do mês em curso a apresentação do novo Inspector-Geral do Comércio, Francisco Gonçalves da Costa Félix, em substituição de Heleno Antunes.



Operadoras de transportes públicos rodoviários consideram “infundadas” as acusações do director do Instituto de Preços e Concorrência (IPREC)



TROCA DE ACUSAÇÕES E QUEIXAS DAS EMPRESAS DE TRANSPORTES PÚBLICOS

Colisão entre operadoras e Instituto de Preços

TRANSPORTES. Operadoras de autocarros públicos anunciaram para hoje uma paralisação para pressionar o Governo a subir a tarifa dos bilhetes. Director do IPREC acusa-as de não apresentarem comprovativos de pagamento de impostos. Empresas desmentem-no.

Por António Miguel

As operadoras de transportes públicos rodoviários consideram “infundadas” as acusações do director do Instituto de Preços e Concorrência (IPREC), Cruz Lima, segundo as quais as empresas não têm apresentado comprovativos de pagamento dos impostos industrial e de consumo e da segurança social, quando solicitam as subvenções dos bilhetes dos autocarros como está estabelecido.

Em entrevista à TPA, Cruz Lima reagia assim ao anúncio da greve das operadoras marcadas para esta segunda-feira, 11 de Dezembro, e

à intenção das empresas de subirem o preço dos bilhetes dos autocarros. O director do IPREC, que reafirmou não haver aumentos de preços dos transportes públicos, desvalorizou ainda os custos de produção “elevados” reclamados pelas empresas.

As declarações do director do IPREC, instituto afecto ao Ministério das Finanças, foram refutadas pelos gestores de operadoras de autocarros. O director da Macon, Luís Máquina, garante que a empresa entrega todos os documentos solicitados pelo IPREC por altura do pagamento dos subsídios. “Apresentamos a documentação que comprova o pagamento de imposto de selo, segurança social e outros documentos necessários.”

Também o director da TURA, José Augusto, assegura que a sua empresa “paga os impostos e apresenta os respectivos comprovativos”, acrescentando que se existe,

MEMORIZE

- Só Luanda tem seis empresas (Angoaustral, Ango Real, Macon, SGO, TURA e TCUL, sendo esta última a única pública) de transportes urbanos rodoviários.

2.000

Kwanzas é ‘custo real’ do bilhete de autocarros, segundo as operadoras.

efectivamente, alguma empresa em falta, o IPREC “deve notificá-la e não tratar o assunto em público”. “Se há esse problema, o IPREC tem de notificar as operadoras através da Administração Geral Tributária”, sugere.

José Augusto reitera que o preço da corrida dos autocarros (90 kwanzas), actualmente praticado, não cobre os custos de produção das operadoras. “A subvenção é para suportar o custo dos passageiros em relação ao bilhete de passagem e não para pagar como tal as operadoras”, esclarece.

Para hoje, as operadoras marcam uma paralisação para pressionar o Governo a aumentar a tarifa dos transportes públicos rodoviários. “Ou subimos os preços e os passageiros passam a pagar mais, ou o Estado aumenta a subvenção e os passageiros continuam a pagar os actuais 30 kwanzas”, defende o director da TURA.

As operadoras, por outro lado, têm-se manifestado descontentes pelos alegados “constantes atrasos no pagamento dos valores correspondentes à subvenção dos bilhetes de passagem”. O VALOR sabe que, por esta altura, existe um atraso de quase sete meses. A corrida custa 90 kwanzas por viagem e é subvencionada. O passageiro paga 30 kwanzas e o Estado cobre os restantes 60 kwanzas.

Só Luanda tem seis empresas (Angoaustral, Ango Real, Macon, SGO, TURA e TCUL, sendo esta última a única pública) de transportes urbanos rodoviários.

Não se sabe o custo global que o Estado tem com as subvenções dos transportes públicos, mas fontes do Ministério das Finanças dão conta que cada operadora, geralmente, apresenta entre um e dois milhões, como sendo o número de passageiros transportados durante um mês.

Economia/Política

COMPRA DE SAL EM CONTRACORRENTE

Importações voltam a cair no segundo trimestre

COMÉRCIO. Importações marítimas voltaram a estar em baixa. Mas o sal regista aumento superior a 200%, ante as queixas dos produtores nacionais. Produtos da cesta básica 'salvam-se' da tendência de queda.

Por Isabel Dinis

As importações marítimas, no segundo trimestre deste ano, tiveram uma queda de 11,65% em relação ao mesmo período de 2016, altura em que Angola comprou cerca de 988,9 mil toneladas, revelam dados do boletim estatístico do Conselho Nacional de Carregadores (CNC).

Esta tendência de descida, que se tem vindo a registar desde 2014, foi apenas contrariada pela importação de produtos da 'cesta básica' e por alguns produtos alimentares, como o sal, em que são assinalados aumentos significativos.

A farinha de trigo, que liderou as importações dos produtos alimentares, alcançou uma ligeira subida de 1,29% para as 64.294 toneladas, enquanto a quantidade de carnes e miudezas aumentou 72,21%, chegando às quase 43 mil toneladas. As farinhas e cereais tiveram um acréscimo de 10,41% para 42,9 mil toneladas, enquanto as importações de massas cozidas ou recheadas subiram 54,91% para as 24,7 mil toneladas.

A importação de sal, que está a ser contestada pelos produtores nacionais por, alegadamente,

"dificultar a comercialização da produção interna", também esteve em alta. Chegaram ao país, no período em análise, mais de 20,5 mil toneladas, um aumento de cerca de 253%, enquanto os produtores nacionais se queixam de ter 13 mil toneladas em 'stock' por falta de mercado.

CLÍNQUER E PORTO DE LUANDA LÍDERES

Dos bens importados, o cimento hidráulico, também conhecido por clínquer, matéria-prima usada no fabrico do cimento Portland, foi o mais importado, conservando, desta feita, a posição dos anos anteriores. No entanto, não escapou a uma redução considerável, cerca de 80%, chegando aos portos 156 mil toneladas.

O Porto de Luanda foi o mais movimentado com a recepção de

cerca de 80,73% de toda a mercadoria que chegou ao país. Houve uma redução de 9,46% para as 798,3 mil toneladas. Com exceção do Porto de Cabinda, todos os outros também baixaram o volume de entrada de mercadorias. As importações, que tiveram como destino o Porto de Cabinda, aumentaram 13% para as 27,6 mil toneladas.

Por sua vez, o Porto de Soyo recebeu 12,6 mil toneladas, o que significa menos 26,64% comparativamente ao mesmo período do ano passado, enquanto o do Namibe recebeu menos 16,18%, ou seja, 19,7 mil toneladas. Entraram no Porto do Lobito menos 29,69% de mercadoria, 128,3 mil toneladas, e no do Porto Amboim menos 48,8%, ou seja, 2,1 mil toneladas.

Portugal foi o maior exportador, nesse período, aumentando em 37,32% as vendas para 179,4 mil toneladas, o que representa 18,15% de todos os produtos importados. A China segue em segundo lugar, mas com um aumento de 33%, seguida do Brasil com 2,27%.

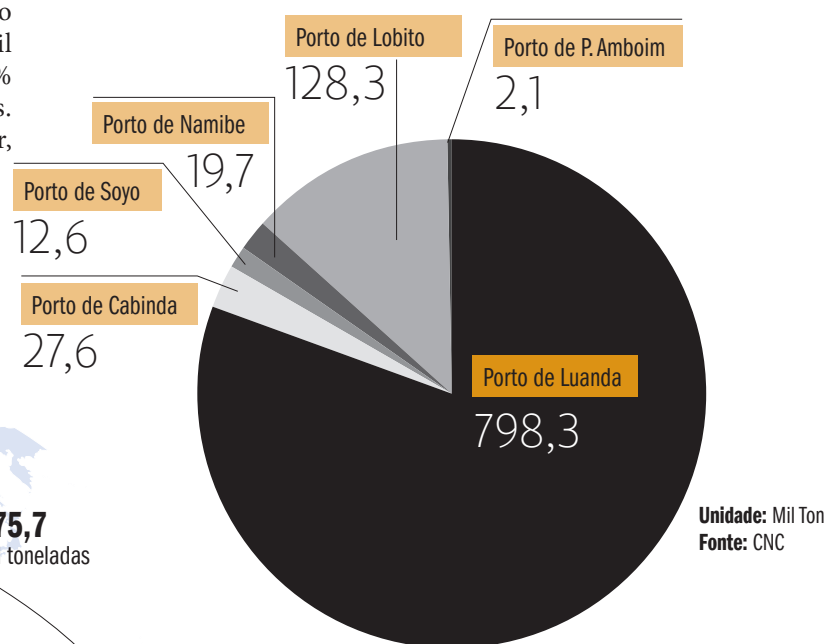
A empresa Angoalissar, por seu turno, foi a maior importadora no segundo trimestre,

com o registo de pouco mais de 41,3 mil toneladas, um aumento de mais 13,9 mil toneladas relativamente ao mesmo período do ano passado. Na segunda posição, encontra-se a Secil Marítima,

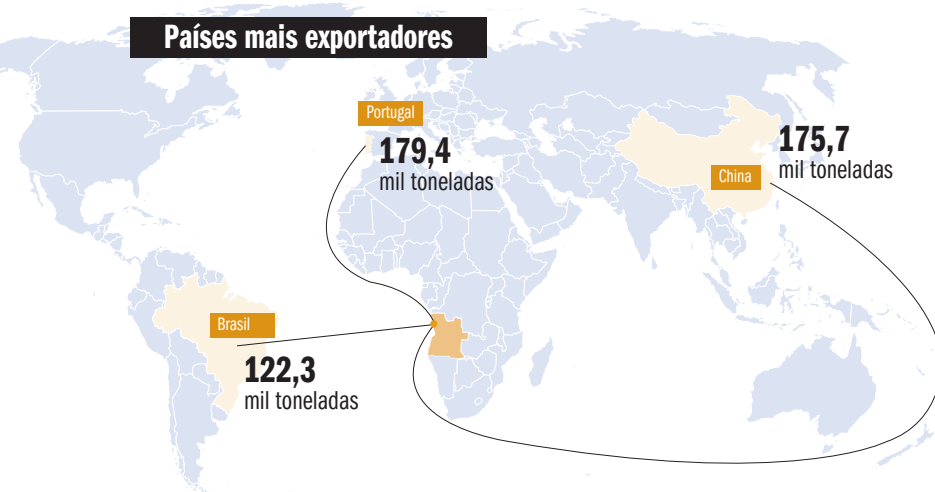
com o registo de 39 mil toneladas de carga importada. Completam a lista de maiores importadores a Nova Cimangola, Biocom e o Grupo Zahara que detém a cadeia de hipermercados Kero.



Por onde entram as mercadorias no país



Países mais exportadores



EMPRESÁRIOS de Israel projectam investimentos na agricultura, água e energia solar em Angola, anunciou terça-feira, o embaixador israelita, Oren Rozenblat, no fim de uma deslocação à Huíla.



OS EDIFÍCIOS do país vão doravante ser monitorizados pelo Ministério da Construção e Obras Públicas para conferir o seu estado de degradação e evitar acidentes, informou o ministro Manuel Tavares.



ATÉ AO FIM DO ANO

Vendas de viaturas recuam mais de 90% desde a crise

VIATURAS. Sector automóvel foi dos mais ressentidos pela crise. Associação só prevê melhorias em 2019 e 2020. Até Outubro, houve uma redução de 53,7% comparando a igual período do ano passado.

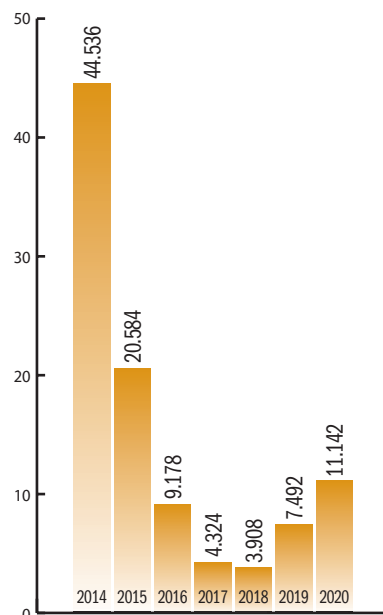
Por Isabel Dinis

O mercado automóvel continua em queda livre desde que Angola começou a sentir-se da queda do preço do petróleo no mercado internacional. Até final do ano, prevê-se que a venda de viaturas recue 90,2%, face a 2014.

Segundo dados provisórios da Associação dos Concessionários de Equipamentos de Transportes Rodoviários (Acetro), que controla 24 concessionárias no sector automóvel, e 42 marcas, Angola vendeu, em 2014, 44.536 viaturas e, até final do ano, prevê vender apenas 4.324 unidades.

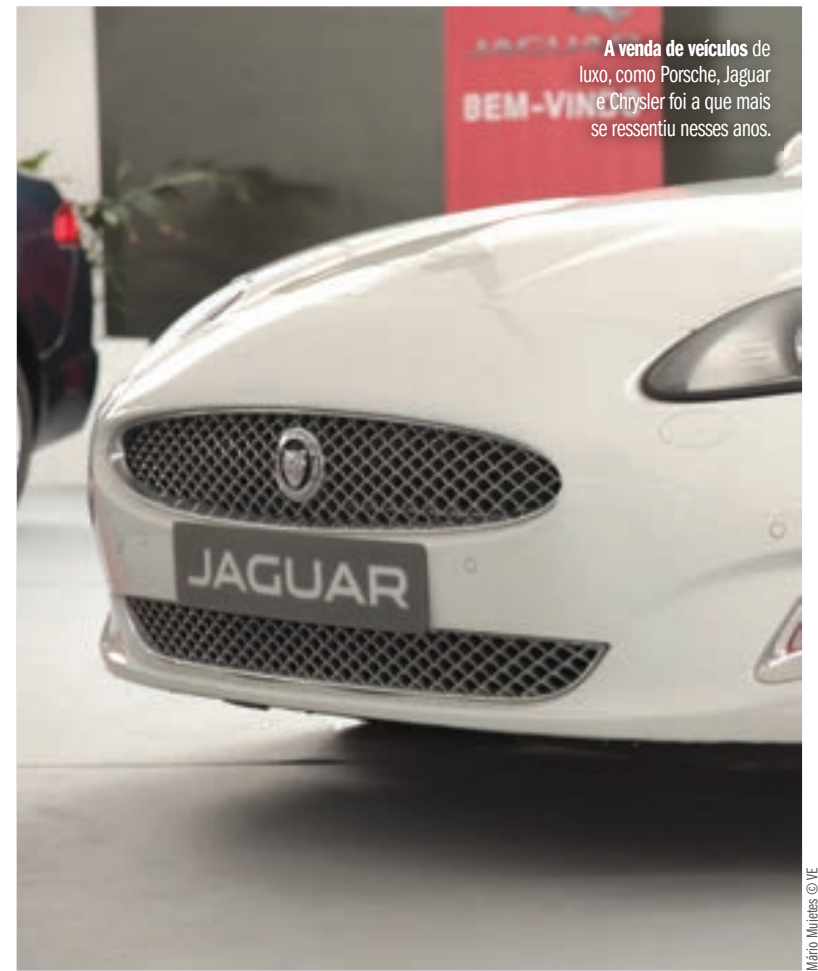
O mercado vem apresentando resultados sombrios sucessivos desde o início da crise económica e financeira. Depois das 44.536 viaturas em 2014, no ano seguinte, as vendas recuaram para menos da metade para 20.584. No ano passado, mais uma

Venda de veículos e projecções de 2014 até 2020



queda menos da metade para 9.178 viaturas comercializadas.

Segundo os dados da Acetro, até Outubro deste ano, houve uma redução homóloga de 53,7%, tendo



A venda de veículos de luxo, como Porsche, Jaguar e Chrysler foi a que mais se ressentiu nesses anos.

Mário Mujetes © VE

sido vendidas 3.771 viaturas, contra as 8.153 de 2016.

E, ao contrário dos discursos recentes mais otimistas para o próximo ano, a associação não prevê agora melhorias em 2018. A previsão é de que sejam vendidas apenas 3.908 viaturas, o que representaria uma redução de 9,6% face a 2017. O cenário só ganha contornos mais risinhos, segundo as previsões, em 2019 e 2020. Em 2019 prevê-se a venda de 7.492 viaturas e, em 2020, 11.142.

FIAT, A MAIS VENDIDA

A Fiat foi a líder das marcas mais vendidas este ano. A concessionária Autostar, representante da marca em Angola, vendeu 611 viaturas. Segue-se a KIA, com 411 carros vendidos, pela Imporáfrica; Renault com 336 vendidos pela TDA, e a Chevrolet com 292, vendidas pela VAUCO.

A venda de veículos de luxo, como Porsche, Jaguar e Chrysler foi a que mais se ressentiu nesses anos. Desde o ano passado que não é vendida uma única viatura de marca Porsche ou Jaguar.

INDÚSTRIA ENTRES AS PREFERÊNCIAS

Sul-coreanos anunciam investimentos de USD 3,5 mil milhões



EMPRESÁRIOS sul-coreanos prevêem empregar 3,5 mil milhões de dólares em investimento nas áreas da indústria e dos hidrocarbonetos revelou, em Luanda, o secretário-geral da Associação para o Desenvolvimento Económico Coreia do Sul e África (AKEDA).

Chung Si-Woo, que falou à imprensa no final de um encontro de trabalho com o secretário de Estado para a Agricultura e Pecuária, Carlos Alberto Jaime, indicou um projecto a ser instalado no país. Uma fábrica de fertilizantes, num

investimento avaliado em 1,5 mil milhões de dólares. Outros dois mil milhões de dólares podem ser empregados num conjunto de projectos como a construção de uma central de energia a ser construída no Sul do país, com o projecto já em fase de elaboração.

Chung Si-Woo, que encabe-

çou uma missão integrada por representantes de empresas ligadas aos ramos do agronegócio, energia, exploração e distribuição de gás, refinarias, construção e engenharia civil, assim como financiamentos e investimentos manifestou interesse no aumento da presença do sector privado sul-coreano no mercado angolano.

Chung Si-Woo, que encabe-

Mercados & Finanças

POR ORDEM DO BNA

Bancos deixam de ‘congelar’ depósitos para cederem divisas

POLÍTICA MONETÁRIA. Banco central desobriga que dinheiros depositados nos bancos estejam cativos quando os clientes vão solicitar divisas para pagamentos no estrangeiro. Medida ‘revolucionária’ sector empresarial, que luta pelo acesso regular desde finais de 2014.

Por Nelson Rodrigues

As famílias e as empresas que necessitam de divisas para compromissos no estrangeiro deixam de constituir cativos junto dos bancos comerciais, de acordo com uma medida do Banco do Nacional de Angola (BNA), aprovada há uma semana numa reunião do Comité de Políticas Monetárias (CPM).

Do mesmo encontro, que sucedeu a uma reunião entre o banco central e responsáveis da banca comercial, incluindo os seus accionistas, ficou ainda decidido que os bancos estão igualmente proibidos de exigir, como condição, que os clientes tenham, em depósito, montante igual ou superior ao valor solicitado.

“O CPM decidiu pôr termo à obrigação dos bancos comerciais de constituir cativos em moeda nacional para efeitos de compra de divisas ao banco central. Adicionalmente, decidiu pôr termo à obrigação dos clientes dos bancos comerciais de constituir cativos em moeda nacional como condição prévia para a compra de moeda estrangeira”, determina o banco central, naquilo que é a primeira medida do novo governador José Massano, saída do CPM, desde que voltou ao controlo da ‘casa da moeda’.

Ao que o VALOR apurou junto de vários bancos, a medida das cativações junto dos bancos impedia as empresas e as famílias de honrarem demais compromissos particulares, quando solicitassem moeda estrangeira aos bancos. Muitos desses compromissos tinham que ver, por exemplo, com obrigações fiscais ou mesmo pagamento de impostos, como contou um alto quadro do Banco

Angolano de Investimento (BAI).

“Vamos deixar de exigir que os clientes façam cativos quando solicitarem operações com o exterior. Deixámos de fazer cativos com os clientes e deixámos de fazer cativos junto do BNA”, garante a fonte do BAI, que vê na decisão uma boa medida para as famílias e empresas.

Com a nova medida, as famílias passam também a poder fazer pedidos de divisas, sem as cativações, mas serão exigidos os depósitos à ordem. Ou seja, o montante em conta poderá ser

20%

Nova taxa básica de juro, também tida por taxa do BNA.

movimentado a “qualquer altura pelo cliente”, explica a fonte, do segundo maior banco angolano em activos, com 1,3 biliões.

EMPRESÁRIOS APLAUDEM

A medida já mereceu a apreciação de vários lados, desde a Associação das Empresas Contratadas da Indústria Petrolífera Angolana (AECIPA) à Comunidade das Empresas Exportadoras e Internacionalizadas de Angola (CEEIA). Os associados da AECIPA consideram que, com a medida, as empresas passam a ter liquidez adicional, além de poder aumentar, também, os fluxos financeiros da própria economia no geral.

“É uma medida benéfica não só para o sector que acompanho [a indústria petrolífera], mas para toda a economia angolana, que passa a estar desobrigada a cativar dinheiro enquanto o processo de [conversão em] moeda estrangeira estiver a ocorrer. Isso criava, obviamente, vários constrangimentos”, congratulam-se os industriais da AECIPA, pela voz do seu líder, Braúlio de Brito, no que é seguido pelo seu congénere da CEEIA, o empresário Agostinho Kapaia.

Segundo Kapaia, a medida obrigava as empresas um maior esforço de tesouraria, pelo que, o embargo do BNA, vem desafogar e facilitar a capacidade de as empresas se financiarem.

“É uma medida positiva, porque isso [as cativações] fazia com que as empresas tivessem de fazer um esforço de tesouraria maior. Era um esforço muito grande, não só para as empresas, mas também para as famílias. Isso vai, de uma maneira geral, promover uma maior circulação da moeda, entre as empresas, e, também, uma velocidade maior da própria circulação monetária a nível do sistema bancário”, considera Agostinho Kapaia, dono do Grupo Opaia e presidente da CEEIA.

MAIS FACILIDADE NOS PAGAMENTOS

Para os exportadores angolanos, não deviam haver necessidade de cativar

depósitos dos clientes, mecanismo que, na visão destes empresários, seria substituído pela facilitação nos pagamentos e nos financiamentos junto da tesouraria dos bancos.

O líder do grupo lembra que a anterior medida já chegou a colocar os seus associados e várias empresas do mercado nacional em condições de “aperto” com os compromissos com salários e, nalguns casos, com o fisco.

“Não é só um membro. Quase todas as empresas exportadoras e as ligadas à associação tinham [esses] problemas, porque isso era um problema genérico. Era um problema de todo o mercado. As empresas eram obrigadas a colocarem os seus colaterais e não só, de modo que não podiam ter, permanentemente, a sua capacidade de tesouraria saudável para o financiamento da própria empresa”, conclui Kapaia, aplaudindo a primeira medida assinada pelo punho do governador do banco José Massano.

TAXA BNA EVOLUI PARA 20%

Na mesma medida que ‘desobriga’ as cativações sobre os depósitos, o banco central decidiu subir a taxa básica de juro em dois pontos percentuais, para 20%, justificando com a necessidade controlar a inflação. “O acompanhamento rigoroso dos níveis de liquidez da economia será fundamental para que seja garantida a estabilidade de preços. Sendo assim, o CPM decidiu adoptar a base monetária em moeda nacional como a variável operacional da política monetária”, escreve o banco central, num comunicado, em que também é anunciada a alteração dos mecanismos de reservas obrigatórias.

Desde o último fim de semana, o coeficiente das reservas obrigatórias a ser aplicado sobre os depósitos dos clientes dos bancos comerciais, em moeda nacional, está reduzido de 30% para 21%, não afectando as contas do Governo central, dos governos locais e das administrações municipais, que mantêm o actual coeficiente.

Medidas foram aprovadas na septuagésima reunião do CPM, a 30 de Novembro



Mário Mujica/VE



A FIDELIDADE ANGOLA, empresa do ramo segurador baptizada inicialmente como 'Univesal Seguros', inaugurou, no início da semana passada, um novo ponto de atendimento ao público, na zona da marginal da cidade de Luanda.



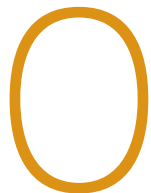
OS ACTIVOS contabilizados do Banco Sol cresceram, desde o início do ano, mais 1,01% para 400 mil milhões de kwanzas, contra os 396,7 de todo o ano passado, devendo continuar a crescer, revelou recentemente o seu administrador executivo, Gil Benchimol.

NA ANTECIPAÇÃO DO BALANÇO EM 2017

Banco Yetu 'falha' objectivos, mas projecta 2018 com maior património

RESULTADOS. Entidade controlada pelo político e empresário Elias Chimuco antecipa ao VALOR fracasso nos objectivos até 31 de Dezembro deste ano, devido ao impacto da crise do petróleo no negócio. Inovação nos serviços e expansão das agências são apostas para 2018 do banco que já acumula dois prejuízos desde que arrancou.

Por Nelson Rodrigues



O conselho de administração do Banco Yetu, instituição detida em 70% pelo deputado do MPLA Elias

Piedoso Chimuco, projecta encerrar o exercício financeiro de 2017 com resultados abaixo das metas traçadas pelos accionistas, atribuindo culpa à crise do petróleo, revelou ao VALOR o administrador executivo Fernando Vunge.

De acordo com a administração, que não adianta, em números, quanto deve crescer nos activos e nos lucros, nem que objectivos são esperados até 31 de Dezembro, os resultados de 2017 vão reflectir as actividades desenvolvidas e os "sacrifícios" da instituição ao longo dos 12 meses.

"Estamos a fazer o balanço, por isso, não me atrevo agora a dizer, em termos quantitativos, [quanto vamos crescer]. Não vamos cumprir as metas, mas [vamos ter] um resultado que satisfaz as actividades que temos vindo a desenvolver ao longo do ano, que podiam ser melhores", reconhece o conselho de administração, pela voz de Fernando Vunge.

No balanço antecipado, a administração avança ainda que, desde o

início do ano, se dedicou à observância dos regulamentos e normativos do Banco Nacional de Angola, um desafio que, segundo o banco, deverá prosseguir no próximo ano.

"Temos de estar preparados para a nova conjuntura, em função da nova metodologia do BNA relativamente a uma maior fiscalização aos bancos comerciais e uma melhor monitorização da actividade de divisas", disse o gestor, ao mesmo tempo que falava sobre a aposta no crédito à economia pelo banco.

O Banco Yetu foi fundado em 2015 e surge das 'mãos' do político e empresário Elias Chimuco, com 70% do capital investido, e mais quatro accionistas, nomeadamente Margarida Severino Andrade, com 10%, Deolindo Cative Bule Chimuco, com 10%, o actual ministro dos Antigos Combatentes e Veteranos da Pátria, João Ernesto dos Santos 'Liberdade' (5%) e Manuel Francisco Tute, com os restantes 5%.

Para responder às exigências dos donos, o conselho de administração já traçou, para 2018, novas metas. Do conjunto de objectivos, projecta-se a expansão da rede de agências do banco para mais duas províncias, designadamente em Benguela, na cidade do Lobito, e na Huila, além da introdução de novos serviços, que privilegiem a captação de depósitos a prazo e que "satisfazam as necessidades financeiras dos clientes".



Mário Mujites © VE

"Almejamos que o próximo ano seja melhor, tendo em conta os serviços e produtos inovadores, que o banco Yetu está a implementar para ao encontro das necessidades dos nossos clientes", sublinha o administrador, que já faz contas para o próximo exercício financeiro. Actualmente, o Banco Yetu está representado em duas províncias, nomeadamente Luanda e Kuando-Kubango, além de uma parceria de correspondência bancária com a agência de câmbio 'Nova Câmbio'.

ACTIVOS CRESCEM 149%...

De acordo com os dois últimos relatórios 'Banca em Análise' da Deloitte, os activos do banco de Elias Chimuco deram um salto de quase 150%, precisamente 149%, ao saírem de 4.824 milhões de kwanzas, em 2015, para 12.012 milhões até 31 de Dezembro do ano passado.

Também em 2016, a instituição fechou o exercício financeiro com um total de 5.738 clientes, correspondendo a um montante de depósitos de 7.607 milhões de kwanzas, o que, segundo as contas do banco, expressas no último relatório e contas, se re por uma quota de mercado de 0,12% (0,027% em finais de 2015), o que coloca o banco no 22.º lugar do 'ranking'.

MEMORIZE

- O Banco Yetu foi fundado em 2015 e surge das 'mãos' do político e empresário Elias Chimuco, com 70% do capital investido, e mais quatro accionistas, nomeadamente Margarida Severino Andrade, com 10%, Deolindo Cative Bule Chimuco, com 10%, o actual ministro dos Antigos Combatentes e Veteranos da Pátria, João Ernesto dos Santos 'Liberdade' (5%) e Manuel Francisco Tute, com os restantes 5%.

...PREJUÍZOS

AGRAVAM-SE EM 19%

No relatório e contas do ano passado, a entidade reconhece e inscreve no balanço um prejuízo de 19% face às margens de igual período anterior, em que se calcularam perdas de 274,5 milhões de kwanzas, montantes que podem ser justificados com os custos de estruturas e com "o ambiente económico moderado" do período em que se lança o banco, de acordo com a mensagem do conselho de administração, que acompanha o relatório.

O conselho de administração do Banco Yetu é composto por cinco administradores, dois dos quais antigos servidores públicos de peso, no caso Eduardo Leopoldo Severim de Moraes, ex-ministro das Finanças, que agora preside ao conselho de administração, e António André Lopes, antigo vice-governador do Banco Nacional de Angola e actual administrador executivo. A lista de administradores fecha com João Dias de Carvalho, administrador executivo, Fernando Francisco Vunge, administrador executivo, e Eurico Catuma Camutenga, com a pasta de administrador não-executivo.

19%

Corresponde a um aumento nos prejuízos do banco, em 2016, comparativamente a igual período anterior, cujo valor se fixava nos 274,5 milhões de kwanzas.

Mercados & Finanças

DESENVOLVIDO PELO ECOBANK GROUP RESEARCH

Standard Bank e o Chartered colocam Angola na rota dos bancos pan-africanos

BANCA. Gigantes da banca africana elevam Angola, por via das suas filiais angolanas, no grupo dos maiores bancos continente. Não é o BFA, nem o BAI, nem mesmo o BPC, o colosso dos activos e o mais antigo a operar. São o Standard Bank Angola e o Chartered de Angola.

Por Nelson Rodrigues

O Grupo Standard Bank e o Standard Chartered, ambos com representação em Angola, integram o grupo dos maiores bancos pan-africanos, escolhidos pelo grau de penetração no continente africano, de acordo com a mais recente versão do relatório sobre receitas fixas, moedas e mercadorias, desenvolvido pelo Ecobank Group Research.

De acordo com o estudo, são bancos pan-africanos as entidades financeiras que “operam em várias jurisdições africanas”, avaliados, também por activos, depósitos, empréstimos, fundos accionistas, além do número de representações em países pelo continente.

As duas instituições bancárias colocam, deste modo, Angola na rota dos maiores bancos africanos,

também designados ‘Bancos Pan-Africanos’, por via das suas representações em Angola pelo Standard Bank Angola e o Standard Chartered de Angola.

Por este facto, os dois únicos bancos angolanos descritos deixam para trás gigantes do sistema bancário nacional em activos e lucros, como o Banco de Poupança e Crédito (BPC), detentor de 1,6 biliões de kwanzas, o Banco de Fomento Angola (BFA), o ‘patrão’ dos lucros com 61.713 milhões e um activo de 1,3 biliões de kwanzas, assim como o Banco Angolano de Investimento (BAI), com 1,3 biliões de activos e lucros de 49.741 milhões de kwanzas.

Apesar disto, há já uma forte tendência de os bancos angolanos caminharem para o que o Ecobank Group designa por ‘Bancos Pan-africanos’, a avaliar pela expansão de representações pelo continente. Dos cinco maiores bancos angolanos, três já iniciaram operações em África fora de Angola.

O BAI tem, por exemplo, abertas agências em Cabo Verde, assim como o Banco BIC e o Millennium Atlântico têm operações na Namíbia, além de outros negócios fora do continente e com tendências de expansão pelo mundo.

Até finais de 2016, a entidade autora do estudo tinha registado seis bancos pan-africanos com representações em 15 ou mais mercados financeiros. Da lista, o Ecobank – entidade em vias de iniciar operações em Luanda – detinha a maior quota de penetração, com operações bancárias completas em 33 países, incluindo os escritórios de representação na África do Sul, Etiópia e Angola.

STANDARD BANK, MAIOR EM ACTIVOS

Na posição imediatamente a seguir com maior penetração está o sul-africano Standard Bank e o nigeriano United Bank for Africa (UBA), ambos com actuação em 19 países, numa lista de bancos onde ainda integram o britânico Chartered e o Bank of Africa,



Os bancos angolanos entraram no ranking pelas respectivas casas-mãe.

125

Mil milhões de dólares, são os activos financeiros do Standard Bank.

ambos com operações em 19 jurisdições africanas, além do marroquino Attijariwafa Group.

Individualmente, o Standard Bank e o Barclays Africa conservaram os maiores activos financeiros, com 125 mil milhões de dólares e 74 mil milhões, respectivamente, apesar de as suas operações estarem “fortemente concentradas nos mercados anglófonos da África do Sul, no Oeste e no Leste do continente”, explica o estudo.

“Os bancos pan-africanos surgiram como a força motriz da revolução financeira de África, permitindo que os bancos construíssem escala e aumentassem a eficiência, além de unificar os mercados fragmentados e divulgar a inovação”, consideram os autores do estudo, que, no documento, também fazem um prognóstico sobre inovação tecnológica e financeira no próximo ano.

BANCA AFRICANA EM 2018

De acordo com o relatório do Ecobank Group Research, é esperado que se acelere, em 2018, no continente, com a inovação em finanças e tecnologia, impulsionado por uma “nova geração de africanos ‘nativos digitais’”.

“A proliferação de ‘hubs’ tecnológicos em África (de forma mais destacada na África do Sul, no Quênia, no Ruanda, na Nigéria, no Gana e na Costa do Marfim), irá alimentar a próxima onda de ‘startups’ africanas e ajudá-las a entrar em contacto com investidores”, concluem os peritos da Ecobank Group Research.

Situação patrimonial líquida dos bancos pan-africanos, medida pelos activos até 2020

PAB	Activos	Depósitos	Empréstimos	Fundos de Accionistas	Nº Países
Standard Bank	127.70	116.16	69,48	11.54	19
Barclays Africa Group	73.85	44,41	45,38	6.36	11
Grupo ATTIJARIWAF	41.53	27.73	25,55	4.16	15
BMCE (Banco da África)	28.22	18.01	17.50	2.23	16
Standard Chartered	25.20	10.98	11.56	n / D	16
Grupo Ecobank	23.55	16,43	11,86	2.35	33
FirstBank Group	19,96	14.60	9.13	2.54	6
UBA	13.83	10,46	5.21	1,67	19
Access Bank Group	13.02	8.46	6.86	1,85	7
GTBank	12,69	8.09	6.89	2.05	9
Citibank	7.79	n / D	n / D	0.845	11
Grupo KCB	4.68	3.48	3.12	0,81	6

Unidade: mil milhões de dólares

Fonte: Ecobank Research



- ✓ Betão Pronto
- ✓ Pré-fabricados de Betão
- ✓ Pré-esforçados Ligeiros
- ✓ Betuminoso
- ✓ Aluguer de Equipamentos



✓ BETÃO PRONTO

- Classes de betão correntes
- Classes de betão especificadas

Para satisfazer as necessidades dos clientes, a Concera, S.A. produz, fornece e disponibiliza o serviço de bombagem do betão pronto, de acordo com as normas em vigor, tipos e classes especificadas.



✓ PRÉ-FABRICADOS DE BETÃO



✓ PRÉ-ESFORÇADOS LIGEIOS



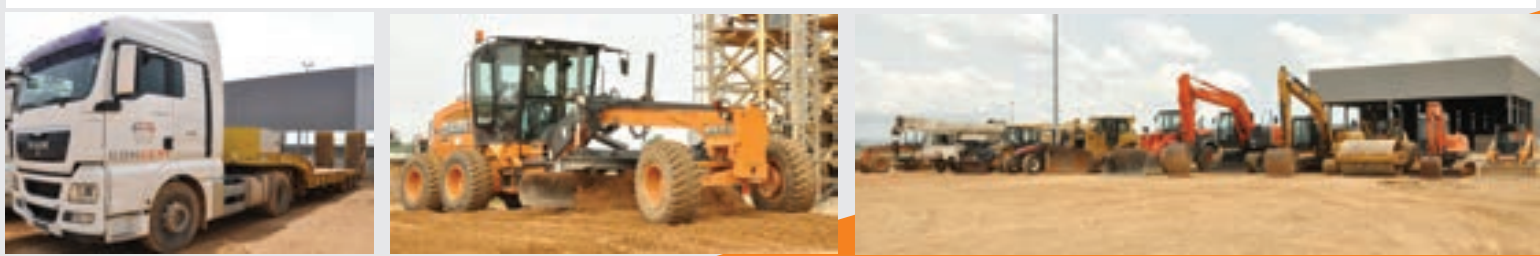
✓ BETUMINOSO

- Massas Asfálticas
- Aplicação de Massas Asfálticas



✓ ALUGUER DE EQUIPAMENTOS

- Máquinas para Movimentação de Terras
- Equipamentos de Movimentação de Cargas
- Transportes de Cargas e Equipamentos



Empresas & Negócios



180

viaturas, encomendados pela empresa, estão nas fábricas à espera de pagamentos.

por diferentes fábricas das marcas que representa em Angola. A Ford Ranger, por exemplo, é importada das linhas de montagens da África do Sul. Já os modelos Figo e Eco Sport vêm da Índia, enquanto as carrinhas Ford Transit são fornecidas da fábrica instalada na Turquia.

No geral, cerca de 180 carros já produzidos estão nas respectivas fábricas à espera do pagamento do Robert Hudson para chegarem a Angola. Deste número, pelo menos, 70 são Ford Ranger, o 'best seller' da Ford em Angola. Enquanto, os carros não vêm, o 'stock' da empresa está quase zerado, como reconheceu o seu gestor. Ou seja, neste momento, há apenas oito carros para serem vendidos. A Ranger, Eco Sport e Escape representam cerca de 80% das vendas da Robert Hudson em Angola, que tinha uma oferta de 23 modelos da Ford, tendo reduzido para 16.

Para mitigar o problema da importação e da quebra de vendas, a empresa gerida por Carlos Cerqueira está a apostar nos serviços pós-venda e na venda de peças, já que as divisas para a importação de peças estão na lista das prioridades do Banco Nacional de Angola. Aliás, é o segmento de pós-venda e venda de peça que tem 'suportado' os 240 postos de trabalho existentes no grupo, depois de 40 funcionários terem sido já despedidos em 2014, por força da crise financeira.

ROBERT HUDSON EM NEGOCIAÇÃO COM GOVERNO

Ford quer abrir linha de montagem em Angola

AUTOMÓVEIS. Negociações com Governo para a construção da fábrica da Ford em Angola deverão estar concluídas ainda este ano. Primeiros carros podem ser montados já em 2018.

Por António Miguel

montagem em solo nacional resulta do facto de Angola ser um "mercado estratégico" da Robert Hudson em África. "Somos uma empresa angolana e toda a criação de valores é para investir cá", sublinha o gestor.

No entanto, as vendas da Robert Hudson, no seu 'mercado estratégico', têm estado em 'queda-livre', desde 2014, na sequência da crise de divisas que assola a economia angolana. A empresa prevê fechar 2017 com apenas 270 viaturas vendidas, uma queda de 65,5% face às 780 comercializados no ano passado. Nos últimos quatro anos, o melhor registo de vendas foi em 2014, ano em que a empresa vendeu 2.440 viaturas, com a derrapagem a começar, no ano seguinte, depois de uma queda de cerca de 44% para 1.350.

A crise de vendas não afecta apenas a concessionária do grupo Salvador Caetano, mas todas as suas concorrentes. Carlos Cerqueira alerta que, na Europa, a comercialização de automóveis também tem registado baixas. Para exemplificar aponta Espanha, que, entre 2011 e 2014, viu cair as vendas dos 1,6 milhões de

MEMORIZE

● O Grupo Salvador Caetano comprou a Robert Hudson em 1990, mantendo o nome da empresa. No entanto, a Robert Hudson, que é o segundo importador da Ford mais antigo do mundo, existe há já 90 anos.



automóveis para 600 mil unidades.

No caso da Robert Hudson, as dificuldades de acesso às divisas levaram à acumulação de uma dívida com os fornecedores de cerca de 30 milhões de dólares. Do valor da dívida, cerca de 27 milhões de dólares é com a Ford, sendo o restante com as marcas alemãs Volkswagen e Audi. "Toda a dívida está aprovacionada em banca, com fundos em kwanzas. Portanto, temos dinheiro disponível, o que falta são as divisas", explica o delegado da Salvador Caetano.

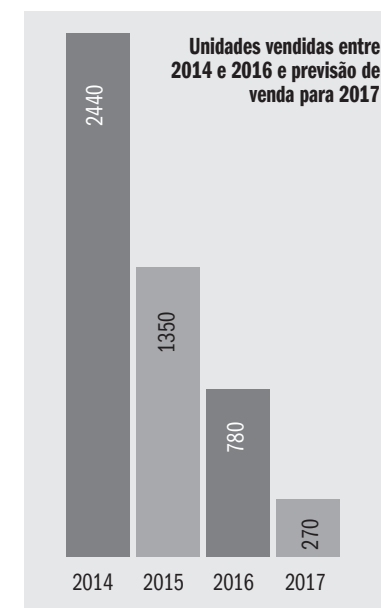
Esta situação da dívida, de resto, é extensiva a todas as concessionárias filiadas da Associação dos Concessionários de Equipamentos de Transportes Rodoviários (Acetro). No passado mês de Agosto, o presidente da referida associação estimou a dívida acumulada em cerca de 180 milhões de dólares, tendo, no mês passado, reduzido para 165 milhões depois de conseguirem algumas transferências.

Por força das dívidas, os fornecedores da Robert Hudson recusam-se a enviar encomendas, segundo Carlos Cerqueira. A empresa é abastecida

Angola poderá ter uma linha de montagem da marca norte-americana de carros Ford, a partir do próximo ano, revelou o administrador-delegado Robert Hudson, Carlos Cerqueira, em exclusivo ao VALOR.

As negociações para a construção da fábrica de montagem no país estão já em curso entre a Robert Hudson, representante da Ford em Angola, e o Governo angolano e deverão estar concluídas ainda este ano. "É um processo que esperamos concluir no final de 2017 e, em 2018, estarmos em condições de ter as primeiras viaturas montadas cá", revela o responsável.

Sem avançar o valor do investimento, Carlos Cerqueira fez saber que a decisão da abertura de uma linha de



A TAAG VENDEU um dos seus três Boeing 737-200 a uma companhia aérea do Canadá, a Nolinor Aviation. O avião saiu de Luanda no início da semana passada com destino ao Aeroporto Internacional de St. John's, Canadá, segundo site de Newsavia.



O PRESIDENTE DO CONSELHO de Administração da Lactiangol, José César admitiu que a produção dos actuais 200 mil litros de leite semanais da empresa pode cair para metade por a matéria prima está longe de atender as necessidades.



EMPRESA ANUNCIA AUMENTOS

DStv mais cara em 2018

TELEVISÃO. Aumento da inflação e a desvalorização do kwanza são os motivos evocados pela DStv para aumentar o preço dos pacotes. A empresa garante que a medida é “inevitável” e promete fazer mais investimentos.

Por Valdimiro Dias

MEMORIZE

● A DStv, de acordo com o seu responsável, aposta na produção de conteúdos. Mas em 2018 a grande ‘fatia’ da programação vai ser virada para o futebol com a transmissão exclusiva do Campeonato do Mundo, que se disputa na Rússia, e para a Liga inglesa, cujo contrato já foi renovado.

A

DStv Angola vai aumentar, no primeiro trimestre de 2018, o tarifário dos vários pacotes de serviço de televisão,

antecipou o director-geral da empresa, Eduardo Continentino, que justifica a decisão com as “perdas cambiais e a inflação”.

Continentino, que não adiantou as percentagens dos ajustes, defendeu os aumentos como “inevitáveis” e concorrentes para a “sustentabilidade da empresa”, considerando o facto de os pagamentos de conteúdos serem realizados em moeda estrangeira, principalmente em dólares e euros.

Este ano, a empresa expandiu a comercialização de serviços com a abertura de 10 lojas que resultaram de um investimento aproximado de um milhão de dólares, o que permi-

20

Número de lojas em todo o país

tiu a duplicação das agências para 20 unidades em todo o país.

Sobre a carteira de clientes, o director-geral da DStv declara ter havido algum crescimento este ano, em contraponto a 2016 que “foi um ano ruim” em termos de receitas. Para 2018, a perspectiva é de um “ambiente melhor de negócios”, o que deve permitir mais investimentos, estando já considerada a inauguração de três lojas, no primeiro trimestre, e a abertura de outras três durante o ano.

Luanda detém 60% dos clientes da empresa e a província é responsável por 70% da facturação que o gestor entende ser o reflexo da “divisão natural do país”. Eduardo Continentino recusou-se, no entanto, a revelar os números dessa facturação. A DStv, garante o seu responsável, continua a negociar com a SIC, mas nada está garantido quanto ao regresso do canal informativo daquela estação portuguesa. A empresa continua à procura de parceiros que possam desenvolver conteúdos com a “qualidade desejada” e que estejam dispostos a receber em kwanzas.



Eduardo Continentino,
director-geral da DStv

Samuel Samuêsa © VE

PREVISÕES DA EGTI PARA OS PRÓXIMOS 10 ANOS

Terrenos rendem 800 milhões USD

As receitas da Empresa de Gestão de Terrenos Infra-estruturados (EGTI), nos próximos 10 anos, devem atingir os 800 milhões de dólares, numa média de 80 milhões por exercício, antecipou o presidente do seu conselho de administração, Rodrigo dos Santos, durante a apresentação da entidade em Luanda.

Tendo como foco, entre outras, a centralidade do Kilamba, onde estão disponíveis diversas tipologias de lotes para a comercialização,

o gestor explicou que o trabalho da EGTI “não colide com interesses de outros órgãos intervenientes na gestão dos solos, mas vai completar os serviços das administrações e dos governos provinciais”.

Criada por decreto presidencial em 2015 e com activos em 12 províncias, a EGTI é a entidade que actua como veículo único, a nível nacional, na comercialização de terrenos infra-estruturados de domínio público e privado do Estado, reportando ao Presi-

dente da República.

Com 19 projectos públicos de desenvolvimento urbano entre cidades, centralidades e zonas de requalificação, a EGTI responde também pela gestão de terrenos e tem competências para exercer actividades complementares como a demarcação, loteamento, infra-estruturação, comercialização, regularização de direitos fundiários e construção de habitação.

Valdimiro Dias

COMEMORA 10 ANOS

Belas Shopping em expansão

Numa altura em que se prepara para assinalar o seu 10.º aniversário, a 15 de Dezembro, o ‘Belas Shopping’, o primeiro centro comercial do país construído a Sul de Luanda, prevê investir, no próximo ano, cinco milhões de dólares em obras de ampliação e remodelação, adiantou, ao VALOR, a directora de Marketing da unidade, Irmala de Sousa.

Segundo a gestora, a remodelação vai agregar entre 25 e 30 lojas na primeira fase, perspectivando o mesmo número na segunda, o que totalizará mais de 150 lojas, com as 100 já existentes.

Para já, e apesar de contabilizar

clientes de vários pontos do país, entre os 500 mil que mensalmente visitam o ‘Belas’, a administração do Shopping não prevê expandir a unidade fora do actual espaço, mas promete reformas e “surpresas”, em 2018, entre as quais a possibilidade de trazer ao país marcas de renome internacional, como é o caso da Zara.

Outra novidade para o ano passará pela soma de 10 salas de cinema às oito já existentes, decisão justificada com o destaque do entretenimento entre as áreas de maior facturação, em que se inclui a restauração.

Miguel Daniel

(In)formalizando

ANUNCIANTES APROVEITAM-SE DA INFORMALIDADE DO NEGÓCIO

Taxistas publicitam de graça

PUBLICIDADE: Muitos taxistas de Luanda exibem anúncios de empresas, mas são raros os que recebem pagamentos. Mas gostam de ver as marcas nos carros 'por causa do estilo'. No entanto, já há quem entenda as potencialidades do negócio e queira alterar as regras.

Por José Calebe

O recurso à publicidade móvel, colocada nos táxis azuis e brancos, os candongueiros, por parte de empresas e marcas, é cada vez maior numa relação dominada pela informalidade, aproveitada por quem comunica para gastar quase nada.

A maioria dos taxistas gosta da ideia de ter um letreiro na viatura porque "fica mais bonito" e, por isso, muitas vezes, nem cobra. Há ainda quem acredite que as "marcas famosas atraem mais clientes, sobretudo jovens". Mauro Cassua é um deles. Tem estampado na viatura o 'logo' da Movicel, apenas porque atendeu ao pedido de uns jovens. "Normalmente, aparecem vários funcionários da Movicel e de outras empresas com o papel de publicidade e pedem para colocar no nosso carro, mas nunca nos falam de pagamentos", explica-se.

Mas existem uns poucos que cobram quantias mínimas que podem oscilar entre os dois mil e os 2.500 kwanzas por um tempo indeterminado. Por norma, segundo apurou o VALOR, os promotores de venda (na sua maioria jovens) entram em contacto com os taxistas nas paragens, tiram o número da matrícula e colam os anúncios depois de um pedido ou da negociação com os motoristas.

Rafael Francisco é taxista há mais de dois anos e já teve na viatura, pelo menos por cinco ocasiões, anúncios de diferentes empresas onde se destacam a Movicel, Zap e Unitel. O patrão (proprietário da viatura) nunca reclamou "talvez por achar que



cabe ao motorista a responsabilidade da viatura", explica. Mas defende que os taxistas deviam unir-se para passarem a ter uma única linguagem nas negociações: "Alguns taxistas aceitam dinheiro e outros não, porque o carro fica com outro 'style', mas todos devem unir-se para passar a cobrar um valor mensal nem que seja de 2.500 kwanzas".

Outro taxista exhibe na viatura uma publicidade da gasosa 'Top', há cerca de três meses. Ângelo Cavallo garante que não cobra nada. Porém, já recebeu 1.500 kwanzas para colocar um anúncio da Dstv que ficou por mais de um ano. "Pretendo entrar num acordo com a empresa que produz a gasosa 'Top' para me passar a pagar pelo

MEMORIZE

- Unitel, Zap, BPC, Movicel estão entre as empresas que mais recorrem aos táxis para publicitar as suas marcas. Os proprietários das viaturas desconhecem o potencial do 'negócio.'



menos 2.000 kwanzas por mês porque levo a publicidade para vários pontos estratégicos onde qualquer pessoa pode ver e eles ganham com isso", argumenta.

Ângelo Cavallo não entende como funcionam as leis da publicidade em Angola, mas espera que se trabalhe na criação de políticas que beneficiem os taxistas. "Quando fui contactado pelos promotores, pediram-me para colar publicidade no carro. Perguntei se não havia uma remuneração e eles disseram que também não tinham dinheiro para nos dar porque também não recebem."

Apesar de, na generalidade, existir um considerável desconhecimento sobre as vantagens que se pode tirar do negócio, há quem



“A nossa empresa não é responsável pelo pagamento a taxistas porque contratamos agências de comunicação e marketing para a afixação dos nossos cartazes publicitários.”

2.500

Kwanzas é o que os taxistas cobram para colar uma publicidade.

A maioria dos taxistas gosta da ideia de ter um letreiro na viatura porque “fica mais bonito” e, por isso, muitas vezes, nem cobra.

acredite que estas mesmas empresas negociam com as transportadoras públicas e os caminhos-de-ferro. “Certamente que pagam e bem, porque é que a nós não?”, interroga-se um dos taxistas.

Muitos não têm ideia do quanto poderiam ganhar. Entre eles, estão Brito Miranda e Julião Alberto que pertencem a uma ‘staff’ com 16 viaturas que ‘vestem’ a publicidade do Banco de Poupança e Crédito (BPC). “Criámos um elenco do BPC, mas sem apoio ou convénio com o banco”, explica Miranda. O grupo até é liderado por um presidente, que pretende entrar em contacto com os responsáveis do BPC para ver se eles passam a pagar algum valor por cada viatura.



JULIAO ALBERTO, Taxista

Proprietário de uma frota de 120 ‘hiaces’, Alberto Dassala, durante muito tempo, não se preocupou em entender os meandros deste possível negócio, apesar de ter todas as viaturas com diferentes anúncios publicitários. Uma realidade que se alterou com a contratação de um gerente que conhece o potencial do negócio e confia que pode tirar rendimentos. “De uma ou de outra maneira devem de dar alguma coisa aos motoristas, mas erram porque têm de contactar os donos dos carros”, acredita. Alberto Dassala já tem planos para, em breve, mandar retirar toda a publicidade dos carros, tendo já entrado em conversações com o grupo Castel.

O director do gabinete de co-

municação e imagem da Dstv, Adilson Garcia, garante que a operadora se limita a contratar empresas de comunicação e são estas que têm contacto com os taxistas pelo que desconhece os termos dos negócios. “A nossa empresa não é responsável pelo pagamento a taxistas porque contratamos agências de comunicação e marketing para a afixação dos nossos cartazes publicitários.”

Os preços de colocação de publicidade em viaturas variam de acordo com o tamanho do cartaz e não existe uma tabela de preços elaborada pelo Gabinete de Controlo de Publicidade do Governo Provincial de Luanda (GPL), que remete essa responsabilidade para as agências previamente licenciadas.



TRANSCOOP

Transportes Rodoviários

AGILIDADE, CONFORTO, SEGURANÇA E EXCLUSIVIDADE



SERVIÇO PERSONALIZADO COM CONFORTO E SEGURANÇA

O TAXÍMETRO SÓ SERÁ LIGADO
NO LOCAL DA CHAMADA



Rua 21 de Janeiro, Bairro Rocha Pinto, Luanda

Call center

(+244) 947 992 829

(+244) 993 091 599

Trabalhamos com multicaixa



DE JURE

PARA ANTIGOS CHEFES QUE CESSARAM FUNÇÕES NO ANTERIOR GOVERNO

Decreto estabelece novas regras para passagem à reforma

FUNÇÃO PÚBLICA. Novas medidas vêm expressas num decreto, recentemente rubricado pelo Presidente da República, João Lourenço. Diploma estabelece igualmente regras especiais de enquadramento nas carreiras dos funcionários públicos que cessaram funções de chefia.

Por António Nogueira

MEMORIZE

● **Os funcionários** que cessaram funções de direcção e chefia decorrentes da fusão e de extinção das orgânicas dos departamentos ministeriais e dos órgãos da administração local têm direito, nomeadamente à actualização das respectivas categorias, mediante despacho do titular do órgão, determina um novo decreto presidencial.

tivo salário de base contributiva, os funcionários que tenham 55 anos de idade, no mínimo, e 30 anos de efectivo serviço.

Por outro lado, o diploma prevê a reforma antecipada, com pensão equivalente a 80% do respectivo salário de base contributiva, para os que tenham 50 anos de idade, no mínimo, e 25 anos de serviço.

Para a efectivação dessas medidas, o decreto, rubricado pelo Presidente da República, João Lourenço, mandata os serviços de recursos humanos dos departamentos ministeriais e dos órgãos da administração local a “instruir os respectivos processos e remetê-los à direcção nacional de administração pública do Ministério da Administração Pública, Trabalho e Segurança Social, para apreciação prévia e posterior remessa ao Instituto Nacional de Segurança Social”.

MUDANÇAS A NÍVEL DAS CARREIRAS

O presente diploma estabelece também as regras especiais de enquadramento nas carreiras (ingresso e promoção), dos funcionários públicos que exerciam cargos de direcção e chefia, bem como da mobilidade de funcionários que se encontram na situação de pessoal excedentário dos departamentos ministeriais que foram objecto de fusão ou de extinção, bem como dos funcionários dos órgãos da administração local.

“Os funcionários que cessaram funções de direcção e chefia decorrentes da fusão e de extinção das orgânicas dos departamentos ministeriais e dos órgãos da administração local têm direito, nomeadamente, à actualização das respectivas categorias, mediante despacho do titular do órgão”, indica o decreto.

Os funcionários em causa, segundo o diploma, têm ainda o direito a ingresso directo nas categorias de base das carreiras correspondentes às habilitações literárias que tenham adquirido durante o período de exercício do cargo.

Para estes casos específicos, o decreto mandata os serviços de recursos humanos dos departamentos ministeriais e dos órgãos da administração local a instruírem os respectivos processos e remetê-los à direcção nacional de Administração Pública, para apreciação prévia e posterior remessa ao Ministério das Finanças.

O presente diploma aplica-se apenas aos funcionários públicos do quadro definitivo e em regime de contrato administrativo de provimento, a nível da administração central e local do Estado.

Os funcionários que cessaram funções de direcção e chefia decorrentes da fusão e extinção das orgânicas dos departamentos

ministeriais e dos órgãos da administração local estão agora a ser regidos por um novo quadro jurídico relativamente ao processo de passagem à reforma.

As novas regras estão expressas num decreto presidencial, de 20 de Novembro, que estabelece o direito de reforma antecipada aos traba-

lhadores em causa que tenham 35 anos de efectivo serviço ou 60 anos de idade.

O mesmo decreto determina ainda que têm também direito à reforma antecipada, com pensão equivalente a 90% do respec-

Presidente definiu novas regras para segmentos do funcionalismo público.



100.000 BOAS NOTÍCIAS PARA ANGOLA.



EM TODAS AS PROVÍNCIAS.

Agora, o jornal que você não dispensa para estar bem informado vai estar nas mãos de muitos mais angolanos. O Nova Gazeta tem **cem mil exemplares, todas as quintas-feiras**. Para chegar com força a todas as províncias. Com a imparcialidade, as notícias, a crítica e a actualidade que fazem falta.

www.novagazeta.co.ao

100 MIL. SEM CUSTO.

MULTIMILIONÁRIO DIZ QUE EXISTEM REGRAS A RESPEITAR

As aulas de Trump para quem quer tornar-se rico

CARREIRA. ‘Como ficar rico’ é assim que Donald Trump intitulou uma das suas mais mediáticas obras, na área da gestão, antes de ser eleito presidente dos Estados Unidos da América (EUA). No livro, Trump dá lições para quem quer prosperar na vida.

Lançado em 2004, o livro “Como ficar rico” levou o já polémico presidente dos EUA a gabar-se ainda mais do faro que diz ter para os negócios. Na publicação, Trump

dá dicas de negócios e de atitudes que alguém precisa de adoptar para entrar no clube dos ‘bem de vida’.

Logo na introdução do livro, Trump questiona os leitores se costumam perguntar a um padeiro como ele faz os pães ou ainda se costumam questionar a um multimilionário como ele ganha dinheiro.

Trump, para além de defender que não há muito o que perguntar nos casos a que faz referência, afirma que existem três regras fundamentais que devem ser respeitadas no mundo dos negócios.

Na primeira, Trump incentiva os gestores a “falarem às pessoas sobre o seu sucesso ou elas prova-

velmente nunca ouvirão falar de você”. Na segunda, o agora presidente dos EUA sugere que se “seja breve, rápido e directo” e, na terceira, que se “comece a trabalhar quando você ainda é novo”.

A seguir, algumas ‘lições’ de Donald Trump para se tornar um empreendedor de sucesso:

ADMINISTRE AS PESSOAS E NÃO AS TAREFAS

Pessoas têm maneiras diferentes de alcançar grandes resultados. Entenda como cada um actua melhor.

DEIXE A PORTA SEMPRE ABERTA

Todos precisamos de estar atentos ao que acontece fora de nossa zona de conforto. Estamos ligados às pessoas de diversas maneiras: social, comercial e politicamente. Procure ouvir e conhecer tudo e todos os que estão dentro ou fora do seu campo de actuação.

APROVEITE O SEU MOMENTO

Não importa quanto sucesso você tenha obtido ou quão bem você acredite conhecer os seus negócios, mantenha-se vigilante sobre as evoluções no seu campo de trabalho. Não acredite que é possível parar de trabalhar por muitos anos e voltar com a mesma capacidade. Aproveite enquanto você estiver no auge para dar o melhor de si.

BLÁ-BLÁ-BLÁ TEM LIMITE

Você pode enganar as pessoas por algum tempo a fim de esconder as suas fraquezas, mas em algum momento isso irá pesar contra você.

NÃO HESITE, NUNCA

Hesitação demonstra insegurança e falta de confiança em você mesmo e naquilo que você está a fazer.

TENHA PENSAMENTOS GRANDES E VIVA EM ALTO NÍVEL

As oportunidades estão sempre por aí. Se pensar pequeno, você poderá perdê-las. Se for para pensar, pense grande. Se for para viver, viva em alto nível.

SEJA UM GENERAL

Generais motivam os seus soldados, independentemente da patente. Aprenda a ajustar os seus métodos às personalidades das pessoas que o cercam, sugere Trump.

MANTENHA O FOCO

Nos momentos bons, trabalhe como se estivesse no começo da empresa ou de sua carreira, quando as coisas não eram tão simples. Não se deixe levar pela tranquilidade passageira.

CONTRATE UMA ÓTIMA ASSISTENTE

Sempre tenha pessoas de confiança ao seu redor, mas procure, especialmente, uma assistente de qualidade. Essa pessoa poderá facilitar demais a sua vida.

IDEIAS SÃO BEM-VINDAS, MAS CERTIFIQUE-SE DE QUE É A IDEIA CERTA
Seja diligente e mantenha a porta aberta para que os seus funcionários possam sugerir ideias. A decisão final é sua, tenha certeza das ideias que vão seguir adiante.

FAÇA DUAS PERGUNTAS A VOCÊ MESMO

“Há alguém capaz de fazer isso melhor do que eu?” Responder a essa questão é conhecer-se melhor e entender a sua concorrência. E a segunda: “O que eu estou a fingir não ver?” Todos podemos ser envolvidos por um momento de euforia, mas mantenha os pés no chão e preste atenção a todos os detalhes.

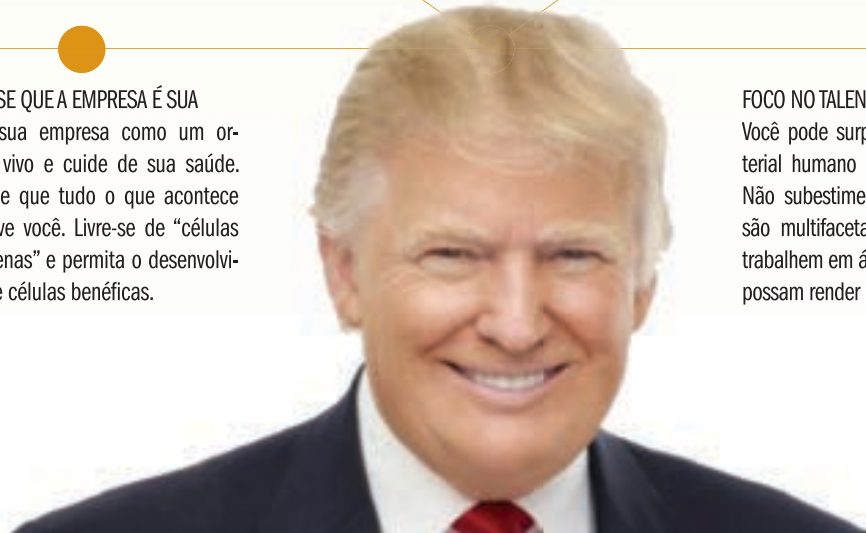
LEMBRE-SE QUE A EMPRESA É SUA

Trate a sua empresa como um organismo vivo e cuide de sua saúde. Lembre-se que tudo o que acontece ali envolve você. Livre-se de “células cancerígenas” e permita o desenvolvimento de células benéficas.

FOCO NO TALENTO AO INVÉS DO CARGO

Você pode surpreender-se com o material humano disponível na empresa. Não subestime as pessoas, pois elas são multifacetadas. Permita que elas trabalhem em áreas e posições em que possam render mais.

TODA A CONTRATAÇÃO É UMA APOSTA
Algumas pessoas são fantásticas em entrevistas de emprego, mas apenas em entrevistas. Não existe uma fórmula exacta para boas contratações. Não avalie as pessoas apenas por experiência ou credenciais. Procure profissionais com senso de responsabilidade, comprometimento com a empresa. Pessoas que não se contentem em fazer o mínimo aceitável. Encontre pessoas que se orgulhem do que fazem e que possuam ambição profissional.



A Globalização do nosso descontentamento



JOSEPH E. STIGLITZ

A globalização, que deveria beneficiar tanto os países mais desenvolvidos como em vias de desenvolvimento, é agora criticada em quase todo o lado, como demonstra a reacção política na Europa e nos EUA nos últimos anos. O desafio é minimizar o risco de que a reacção se intensifique, começando por compreender e evitar – os erros do passado.

Há quinze anos, publiquei ‘A Globalização e os seus Descontentes’, um livro que procurava explicar o porquê de tanta insatisfação contra a globalização nos países em desenvolvimento. Simplesmente, muitos acreditavam que o sistema era “manipulado” contra eles, e os acordos comerciais globais eram apontados como sendo particularmente injustos.

Agora, o descontentamento contra a globalização alimentou uma onda de populismo nos Estados Unidos e noutras economias mais avançadas, lideradas por políticos que afirmam que o sistema é injusto para com os seus países. Nos EUA, o presidente Donald Trump insiste que os negociadores comerciais dos Estados Unidos foram ludibriados pelos seus congéneres do México e da China.

Então, como é que algo que supostamente deveria beneficiar todas as pessoas, tanto nos países desenvolvidos como em desenvolvimento, é agora injuriado em quase todo o mundo? Como pode um acordo comercial ser injusto para todas as partes?

Para os países em desenvolvimento, as reivindicações de Trump – assim como o próprio Trump – são ridículas. Foram os EUA que basicamente redigiram as regras e criaram as instituições da globalização. Em algumas destas instituições – por exemplo, o Fundo Monetário Internacional – os EUA ainda detêm o poder de veto, apesar da diminuição da participação da América na

economia global (participação esta que Trump parece determinado a reduzir ainda mais).

Para alguém como eu, que acompanhou de perto as negociações comerciais durante mais de um quarto de século, é por demais evidente que os negociadores comerciais dos EUA conseguiram a maior parte do que pretendiam. O problema residia mais com o que pretendiam. A sua agenda foi definida pelas grandes corporações, à porta fechada. Agenda que foi redigida por e para as grandes empresas multinacionais, à custa dos trabalhadores e dos cidadãos comuns de todo o mundo.

Na verdade, muitas vezes parece que os trabalhadores, que assistiram à queda dos seus salários e ao desaparecimento dos seus empregos, são apenas danos colaterais – vítimas inocentes, mas inevitáveis, na marcha inexorável do progresso económico. Porém, existe outra interpretação para o que aconteceu: um dos objectivos da globalização consistia em enfraquecer o poder negocial dos trabalhadores. O que as corporações queriam era mão-de-obra mais barata, fosse de que maneira fosse. Esta interpretação ajuda a explicar alguns dos aspectos desconcertantes dos acordos comerciais. Por exemplo, porque cederam os países avançados quanto ao primado do direito, uma das suas maiores vantagens? De facto, as provisões incluídas nos mais recentes acordos comerciais dão aos investidores estrangeiros mais direitos do que aos investidores americanos. Os primeiros, por exemplo, são compensados caso o governo adopte regulamentações que prejudiquem os seus lucros, por muito desejáveis que sejam essas regulamentações, ou independentemente dos danos causados pela corporação na ausência dessas mesmas regulamentações.

Existem três respostas para o descontentamento global com a globalização. A primeira – chamemos-lhe estratégia de Las Vegas – consiste em duplicar a aposta na globalização, tal como tem sido gerida durante o

último quarto de século. Esta aposta, como todas as apostas em políticas comprovadamente fracassadas (como a teoria da redistribuição de riqueza) baseia-se na esperança de que, de alguma forma, irá resultar no futuro.

A segunda resposta é o Tru-pismo: afastar-se da globalização, na esperança de que, de alguma forma, irá trazer de volta um mundo que já passou. Mas o protecção-nismo não funcionará. Globalmente, os empregos na indústria estão em declínio, simplesmente porque o crescimento da produtividade superou o crescimento da procura.

E mesmo no caso de uma retoma industrial, os empregos não regressariam. A tecnologia industrial mais avançada, incluindo os robôs, significa que os poucos empregos criados exigirão competências mais especializadas, e que serão colocados em locais diferentes dos locais onde se perderam empregos. Tal como dobrar a aposta, esta abordagem está condenada ao fracasso, aumentando ainda mais o descontentamento sentido por quem foi deixado para trás.

Trump falhará até mesmo no seu proclamado objectivo de reduzir o deficit comercial, determinado pela diferença entre a poupança doméstica e o investimento. Agora que os republicanos conseguiram o que queriam, e promulgaram uma redução dos impostos para os milionários, as poupanças nacionais decrescerão e o deficit comercial aumentará, devido ao aumento do valor do dólar. (Os deficits fiscais e os deficits comerciais, por serem tão estreitamente relacionados, são apelidados de deficits “gémeos”). Trump poderá não gostar, mas, como lentamente irá aperceber-se, existem algumas coisas que, até mesmo a pessoa que ocupa o cargo mais poderoso do mundo, não consegue controlar.

Existe uma terceira abordagem: protecção social sem protecção-nismo, o tipo de abordagem escolhido pelos pequenos países nórdicos. Por serem países pequenos, sabiam que tinham

que permanecer abertos. Mas também sabiam que, ao permanecerem abertos, iriam expor os seus trabalhadores a riscos. Assim, tiveram que implementar um contrato social que auxiliasse os trabalhadores na transição dos empregos antigos para os novos e que facultasse algum apoio durante esse mesmo processo.

Os países nórdicos são sociedades profundamente democráticas, por isso sabiam que, a menos que a maioria dos trabalhadores considerasse a globalização como benéfica, esta não seria sustentável. E as pessoas mais ricas destes países reconheceram que, se a globalização funcionasse como seria suposto, haveria benefícios suficientes para todos.

O capitalismo americano dos últimos anos tem sido marcado pela ganância desenfreada – a crise financeira de 2008 veio confirmar de forma clara tal facto. Mas, tal como alguns países demonstraram, uma economia de mercado pode assumir formas para amenizar os excessos tanto do capitalismo como da globalização e proporcionar um crescimento mais sustentável e padrões de vida mais elevados para a maioria dos cidadãos.

Podemos aprender com tais sucessos o que fazer, assim como podemos aprender com os erros do passado o que não fazer. Como se tornou evidente, se não gerimos a globalização para que esta possa beneficiar todos, a reacção – dos Novos Descontentes do Norte e dos Velhos Descontentes do Sul – corre o risco de se intensificar..

Prémio Nobel das Ciências Económicas em 2001 e Medalha John Bates Clark em 1979, é Professor Universitário da Universidade de Columbia, Co-Presidente do Grupo de Peritos de Alto Nível para a Medição do Desempenho Económico e Progresso Social na OCDE e Economista-Chefe do Instituto Roosevelt. Ex vice-presidente sénior e economista-chefe do Banco Mundial.

Na verdade, muitas vezes parece que os trabalhadores, que assistiram à queda dos seus salários e ao desaparecimento dos seus empregos, são apenas danos colaterais – vítimas inocentes, mas inevitáveis, na marcha inexorável do progresso económico. Porém, existe outra interpretação para o que aconteceu: um dos objectivos da globalização consistia em enfraquecer o poder negocial dos trabalhadores.

Internacional

NA NIGÉRIA

Mina de calcário provoca conflito entre milionários dos cimentos



Aliko Dangote está em conflito com Abdulsamad Rabiu, por mina de calcário.

CONFLITO. Fábrica do homem mais rico de África reclama por uma mina, ocupada e explorada pelo o 5.º homem mais rico daquele país. As autoridades governamentais dão razão a Dangote, mas Abdulsamad recusa deixar a zona.

Por César Silveira *

Dois gigantes da indústria cimenteira da Nigéria e do continente africano estão em conflito por uma zona de mineira de calcário, uma das principais matérias-primas para a produ-

ção do cimento, naquele país.

Trata-se das empresas Dangote Cement e a BUA. A primeira pertence a Aliko Dangote, que é o homem mais rico da Nigéria e de África, enquanto a segunda é propriedade de Abdulsamad Rabiu, quinto homem mais rico da Nigéria e o 50.º do continente, segundo a Forbes.

O conflito, apesar de antigo, ganhou, na semana passada, novos contornos na sequência de uma missiva que o CEO do grupo BUA, Abdulsamad Rabiu, enviou ao presidente da Nigéria, Muhammadu Buhari, a solicitar intervenção.

Na missiva de 4 de Dezembro, o executivo, entre outras situações, acusava o ministério das Minas e Aço de tentar desviar o curso da justiça numa disputa entre dois dos líderes económicos.

Acusava ainda o Grupo Dangote de ter influenciado altos funcionários do referido ministério e feito recurso a homens armados, incluindo agentes do Estado para garantir que as interrompia as operações da BUA Cement em Okpella. Garantiu que alguns dos homens armados lhe confirmaram que eram leais ao grupo Dangote e provocaram danos na fábrica de cimento de

20

Milhões capacidade de produção de cimento do grupo Dangote.

mais de 1.000 milhões de dólares.

O empresário estima na missiva que os danos não foram maiores graças à oportuna intervenção do pessoal de segurança da BUA e agências de segurança, sublinhando não ter havido perdas humanas.

No entanto, no dia 6 de Dezembro, Mohammed Abass, chefe do ministério de Minas e Desenvolvimento de Aço, respondeu às acusações, descrevendo-as como “uma campanha injustificada de calúnia contra o ministério”. Acrescentou que a empresa de cimento estava a tentar chantagear o ministério para conceder uma permissão para operações ilegais.

O ministério diz que emitiu uma ordem de interdição da mina em dis-

puta desde 2015, mas que o grupo BUA ignorou e continuou a trabalhar, quando o processo legal estava pendente. Acrescenta que a empresa, no passado mês de Novembro, reagiu com recurso às forças armadas para impedir o seu despejo.

“A administração do Grupo BUA vem usando milícias armadas, soldados e policiais para minas de mármore e calcário em locais de mineração alocados ao Grupo Dangote”, acusou, acrescentando que “nos registos do ministério de Minas e Desenvolvimento de Aço e do Gabinete de Cadastro de Mineração da Nigéria, o Grupo BUA não possuía uma locação de mineração no local contencioso e, portanto, está envolvido em uma mineração ilegal”.

Até ao fecho da edição, o grupo Dangote não se tinha pronunciado sobre o assunto. A única declaração pública, ligada ao grupo, tem que ver com um porta-voz que terá orientado a Reuters a contactar o ministério das Minas e Desenvolvimento do Aço para informar-se sobre o assunto.

DANGOTE ANUNCIA VENDAS ONLINE

Enquanto isso, a Dangote Cement anunciou a aposta no comércio

online resultado de uma parceria com a plataforma de ‘e-commerce Jumia Nigéria’. As vendas, segundo explicações, estavam destinadas a todos os interessados que quisessem comprar desde 300 sacos de 50 quilos e recebem o produto no ponto que indicarem sem nenhum custo extra para o transporte.

“Com o acordo, os nigerianos que precisaram de fornecimento contínuo de cimento da Dangote podem fazer pedidos, pagar online e aguardar a entrega em tempo recorde de qualquer fábrica de cimento mais próxima da Dangote para Lagos, Port Harcourt ou Abuja”, disse Key Account Director Chux Mogbolu.

Propriedade do Grupo Dangote, a Dangote Cimento é indústria totalmente integrada e tem projectos e operações na Nigéria e em outros 14 países do continente. A capacidade de produção total actual da Dangote Cimento na Nigéria a partir das suas três usinas de cimento existentes é de mais de 20 milhões de toneladas métricas por ano. Por sua vez, a BUA tem uma capacidade de produção de 3,5 milhões de toneladas métricas por ano.

*com Agências



A PRODUÇÃO de petróleo dos países da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP) caiu em novembro para 32,47 milhões de barris, o valor mais baixo dos últimos seis meses.



MAIS DE SEIS MIL pessoas foram multadas em Macau até Novembro por fumarem em locais proibidos, informaram os Serviços de Saúde.

MOÇAMBIQUE

ENI garante financiamento para LNG

O Grupo italiano ENI anunciou a finalização de um acordo de financiamento de 4.7 milhões de dólares para o projecto de extracção, processamento e comercialização de gás natural Coral Sul, na bacia do Rovuma, em Moçambique.

“O Coral Sul FLNG (plataforma flutuante para processamento de gás natural) é o primeiro projecto aprovado pelos parceiros do bloco Área 4 para a exploração dos consideráveis recursos naturais descobertos na bacia do Rovuma”, lê-se no comunicado da ENI.

O montante anunciado engloba empréstimos garantidos por cinco agências de crédito à exportação, entre as quais a Sinosure Export Credit Agency. Para o financiamento concorreram ainda empréstimos de bancos comerciais, bem como um do Banco de Exportações e Importações da Coreia do Sul.

O grupo ENI é o operador do bloco Área 4 com uma participação indirecta de 50% através da ENI East Africa. O comunicado dá ainda conta que o grupo italiano assinou, em Março de 2017, um contracto de compra e venda com o grupo norte-americano ExxonMobil de uma participação indirecta de 25% no bloco Área 4 através da ENI East Africa.

A restante percentagem é detida pelo grupo China National Oil and Gas Exploration and Development Corporation (CNODC) com 20% de forma indirecta, através da ENI East Africa, pela estatal Empresa Nacional de Hidrocarbonetos e ainda pelo grupo português Galp Energia e sul-coreano Kogas com 10% cada.



Calle Schlettwein,
ministro das Finanças,
da Namíbia

PELA LISTA NEGRA DE PARAÍÇOS FISCAIS

Namíbia protesta UE

As autoridades namibianas consideram que a sua inclusão na lista negra de 17 paraísos fiscais por parte da União Europeia é uma decisão “injusta e discriminatória”, que resulta apenas de um problema de comunicação com Bruxelas.

“Devido a um problema de comunicação, falhámos um prazo, mas isso não faz da Namíbia um país não cooperativo ou um paraíso fiscal”, argumentou o ministro das Finanças, Calle Schlettwein, durante uma conferência de imprensa, na qual admitiu não ter respondido a Bruxelas no prazo estipulado.

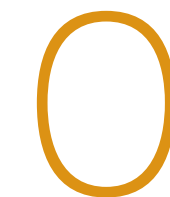
“A Namíbia não pode ser

considerada por nenhum critério objetivo como um paraíso fiscal”, acrescentou Schlettwein, vincando que o país “é, isso sim, vítima de fluxos de capitais ilícitos, como foi demonstrado nos Papéis do Paraíso”. O país, lembrou, “tem uma pequena economia aberta com um sistema fiscal baseado nos princípios da igualdade e equidade”

Os ministros das Finanças da União Europeia (UE), adoptaram uma lista negra de 17 paraísos fiscais, por serem consideradas jurisdições não cooperantes. A “lista negra” inclui a Samoa Americana, o Bahrein, os Barbados, Granada, Guão, Coreia do Sul, Macau, Ilhas Marshall, Mongólia, Namíbia, Palau, Panamá, Santa Lúcia, Samoa, Trinidad e Tobago, Tunísia e Emirados Árabes Unidos.

SERÁ CONCLUÍDA EM 2018

Privatização da companhia aérea de Cabo Verde



O processo de privatização do negócio internacional da Transportes Aéreos de Cabo Verde (TACV) deverá ficar concluído, até ao final do primeiro trimestre de 2018, depois de se efectuar a avaliação da companhia, afirmou o ministro das Finanças, Olavo Correia.

“Quanto mais depressa ficar concluído, melhor para todos”, afirmou o governante cabo-verdiano, durante uma audiência com deputados da Comissão Especializada de Finanças e Orçamento do Parlamento do seu país.

A Transportes Aéreos de Cabo Verde está a ser gerida ao abrigo de um acordo com a Icelandair, grupo

islandês que o ministro admitiu que poderá ser o parceiro estratégico na privatização do negócio internacional da empresa pública de transportes aéreos de Cabo Verde.

Durante a audição parlamentar, o ministro recordou o estado de “falência” em que o governo actual encontrou a TACV, com 30 milhões de euros de prejuízos anuais, dizendo que a liquidação da companhia era um dos cenários, mas que custaria cerca de 60 milhões de euros aos contribuintes. Reconhece que o governo está a realizar uma “operação de alto risco”, mas até agora “bem-sucedida”, com a reestruturação, em que a outra componente foi ceder os voos domésticos em exclusivo à Binter Cabo Verde, a troco de uma parcela de 30% do capital social da empresa.



A companhia está a ser gerida ao abrigo de um acordo com um grupo islandês

OPERAÇÃO BRASILEIRA ‘LAVA JATO’

Petrobras recupera mais de 150 milhões de euros

A petrolífera estatal Petrobras, que está no epicentro de um enorme escândalo de corrupção no Brasil, recuperou o equivalente a 167 milhões de euros de um montante desviado em

actos de corrupção desvendados pela operação ‘Lava Jato’.

Com esta soma, resultante de acordos de colaboração com os tribunais e pessoas envolvidas em diversos escândalos de corrupção, o total de fundos devolvidos à Petrobras desde 2014 atingiu cerca de 380 milhões de euros, segundo um comunicado da empresa.

“A Petrobras coopera com o Ministério Público, a Polícia Federal, as autoridades fiscais federais e outras autoridades competentes desde o início das investigações, melhorando a aprovação dos seus mecanismos de controlo”, assegurou a empresa.

A extensa investigação da operação ‘Lava Jato’ descobriu

uma vasta rede de pagamentos de subornos vinculados, em particular, à Petrobras que operaram no Brasil durante mais de dez anos. A Justiça brasileira já denunciou por actos de corrupção dezenas de políticos, incluindo ex-presidentes da República, governadores, senadores e deputados federais, bem como, empresários.

Ambiente

DADOS REFERENTES AO SEGUNDO SEMESTRE

Mais de 1.700 cabeças de gado morreram devido à seca no Sul

ESTIAGEM. Criadores já abriram reservatórios de água para minimizar problema. Serviços Veterinários vão supervisionar a distribuição de capim para a nutrição do gado, nas zonas mais críticas.

Mais de 1.700 cabeças de gado bovino morreram, nos últimos dois meses, no município de Caimbambo, em Benguela, na sequência de uma seca que afecta algumas províncias do Sul do país.

A situação levou a Benguela a directora dos Serviços de Veterinária de Angola, Bernardete Santana, que orientou aos criadores de gado a abertura de chimpacas (reservatórios de água) e represas para minimizar o problema, que já causou a morte de mais de 1.730 cabeças de gado bovino.

A responsável considerou a medida “urgente”, para atender a situação de seca e falta de pasto, orientando ainda o transporte de

50

Cabeças de gado bovino morreram, há duas semanas, em Quilengues, na Huíla.

4

Mil cabeças de gado bovino morreram em Caimbambo em 2011.

capim da Huíla e do Kwanza-Sul, para alimentar o gado.

Segundo a responsável, uma equipa dos Serviços Veterinários vai supervisionar a distribuição

de capim para a nutrição do gado, nas zonas críticas.

Em 2011, semelhante seca causou a morte de mais de quatro mil cabeças de gado bovino no município de Caimbambo.

A seca provocou também, no município de Quilengues, na Huíla, a morte de 50 cabeças de gado bovino, nas duas últimas semanas, situação que tem preocupado as autoridades e criadores de gado.

De acordo com o administrador local, Armando Vieira, “está a morrer muito gado no Quilengues”.

“Estão fixados numa zona onde não há água, são obrigados a movimentar-se aldeias completas para outras zonas à procura de água”, explicou Armando Vieira, sublinhando que Quilengues é uma zona em que chove muito pouco.



Autoridades orientaram a abertura reservatórios de água e represas.

LUANDA

Incêndio consome vários hectares no Parque da Quiçama

Aproximadamente 20 hectares foram consumidos por um incêndio que deflagrou, na passada semana, na área da entrada do Parque Nacional da Quiçama, em Luanda, anunciou o Ministério do Ambiente que, na altura, não avançou as causas. Pes-

soal do Serviço Nacional de Bombeiros, efectivos da unidade de tropas especiais das Forças Armadas Angolanas (FAA) e trabalhadores do parque combateram o incêndio.

Em nota, o Ministério do Ambiente avançou que foram accionados os órgãos competentes de investigação para a determinação da origem do fogo. Com uma extensão de 9.960 quilómetros quadrados, o parque da Quiçama conta

com quatro postos fixos para patrulhamento, assegurados por fiscais. Instituído como Parque Nacional em 1938, o Parque da Quiçama situa-se na região noroeste do país, numa distância de aproximadamente 70 quilómetros da cidade de Luanda.

Faz parte das zonas de protecção integral da natureza e é limitado pelo Oceano Atlântico, mantendo 120 quilómetros de área costeira, e com os rios Kwanza e Longa.

Instituído como Parque Nacional em 1938, o Parque da Quiçama situa-se na região noroeste do país, numa distância de aproximadamente 70 quilómetros da cidade de Luanda.

Faz parte das zonas de protecção integral da natureza e é limitado pelo Oceano Atlântico, mantendo 120 quilómetros de área costeira, e com os rios Kwanza e Longa.

Faz parte das zonas de protecção integral da natureza e é limitado pelo Oceano Atlântico, mantendo 120 quilómetros de área costeira, e com os rios Kwanza e Longa.



Origem das chamas ainda não foi determinada.

Educação & Tecnologia



Múmia existirá há quase dois mil anos.

INOVAÇÃO

Raio-X de última geração desvenda segredos de múmia egípcia

IMAGIOLOGIA. Pesquisadores podem desvendar a história da menina que morreu há quase dois mil anos, através de uma tecnologia que consiste num acelerador de partículas de alta intensidade.

Investigadores estão mais perto de conhecer a história da menina de cinco anos que morreu há quase dois mil anos. A múmia foi encontrada em 1911 e é a primeira a ser examinada por este novo sistema que permite análises mais detalhadas dos ossos, tecidos e objectos posicionados junto ao corpo.

A tecnologia de última geração consiste num raio-X de sincrotron (acelerador de partículas) de alta intensidade, que

é capaz de produzir uma análise tridimensional extremamente detalhada do corpo e de quaisquer outros objectos escondidos sob as faixas de linho que envolvem a múmia.

Apesar de, um século depois, nada se saber sobre a história desta múmia, os investigadores acreditam que se trate dos restos mortais de uma menina de cinco anos que terá morrido há 1,9 mil anos.

Além do corpo, foi também encontrado um retrato pintado do rosto de uma criança.

A múmia faz parte da colecção da Universidade Northwestern, localizada em Chicago.

REDE SOCIAL FALA EM PREVENÇÃO DE DISCURSOS OFENSIVOS

Facebook bloqueia mulheres humoristas

Facebook tem vindo a bloquear contas de várias humoristas, por fazerem comentários direccionados aos homens, principalmente devido à onda de acusações de assédio sexual.

O Facebook bloqueou, por 30 dias, a conta de Marcia Belsky, uma comediante baseada em Nova Iorque, EUA. A medida surgiu depois de Belsky ter comentado “homens são lixo” numa publicação da sua amiga Nicole Silverberg’s, em que indicava uma lista de como tratar bem as mulheres, segundo publicou o jornal ‘The Guardian’. Nesta mesma publicação, havia comentários com ameaças de morte e violação, mas, segundo Belsky, apenas o seu comentário foi banido.

Belsky contou ao ‘Daily Dot’ que esta não foi a primeira vez que viu a sua conta do Facebook ser bloqueada temporariamente por causa de piadas e comentários relacionados com alegados abusos sexuais.

“Não é a primeira nem será a última a quem o Facebook bloqueia

a conta por “comentários impróprios”. Kayla Avery, também comediante, diz que já foi ‘expulsa’ da rede social por fazer comentários como “os homens são lixo” e “os piores”, entre outros parecidos. Foi depois de ter sido bloqueada por diversas vezes que iniciou o projecto ‘Facebook Jailed’, dando enfoque às histórias de quem é frequentemente banida da rede por postar comentários semelhantes.

Cerca de 500 comediantes, mulheres, juntaram-se a 24 de Novembro, numa espécie de protesto, publicando comentários do género “homens são lixo”. Quase todas as que participaram foram bloqueadas.

O Facebook disse que o que aconteceu com a conta de Belsky foi um erro, voltando a publicar alguns dos comentários. De acordo

500

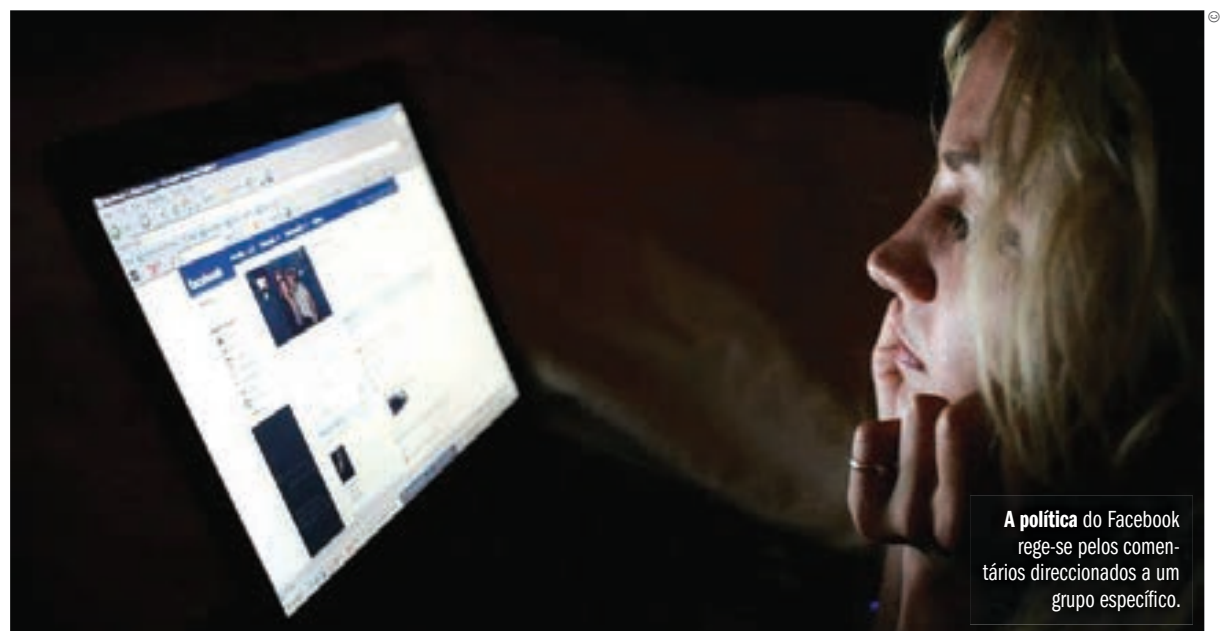
Comediantes, mulheres, juntaram-se em protesto, publicando comentários proibidos pela rede social.

com as publicações no Twitter de Avery e de outras comediantes, a rede social não só elimina os comentários, como também as publicações que fazem, sobre homens, nas suas próprias cronologias.

A política do Facebook rege-se pelos comentários direccionados a um grupo específico. Por exemplo, quando se tem um discurso de ódio em relação “à raça, género, religião, etnia, orientação sexual e outros factores”, o conteúdo dos comentários deve ser removido – que foi, segundo a rede social, o que aconteceu com os comentários “homens são lixo”.

“Nós percebemos o quão importante é para as vítimas de assédio partilharem as suas histórias com as pessoas, expressar a sua raiva e opiniões – nós permitimos essas discussões no Facebook. Nós passamos a linha quando as pessoas atacam os outros com base no género”, disse um porta-voz da rede social.

Com a onda de acusações de assédio sexual e discursos de ódio contra os homens, o Facebook tem vindo a suspender as contas de muitas mulheres e afirma que quer uma rede social que seja um lugar seguro e de respeito pelos outros.



A política do Facebook rege-se pelos comentários direccionados a um grupo específico.

Marcas & Estilos

Réplicas originais

Fazendo o trabalho de salvamento com este Starship Jakku, encontrará interessantes novidades apesar do seu aspecto rústico. O velho capacete da X-Wing é a réplica exacta da tela criada usando técnicas digitais, com um invólucro exterior pintado para duplicar o aspecto bem original.

Flashes intuitivos

Composta por um 'kit' para trabalhar em vários cenários, a câmara Fujifilm X-T2 tem uma lente de 18-55mm e uma capa de bateria que alberga toda a estrutura padrão e versátil para fotografar de forma mais intuitiva.

Paz nas estrelas

Lançado como parte da colecção 'Space Silver' da 'Björn Weckström' no final da década de 1960, o colar dos Planetoid Valle tornou-se a peça de jóias mais famosa da Lapponia a nível internacional em 1977, depois de apresentado no filme 'Star Wars'.

Luxos personalizados

É conhecido como o 'Presidente Goldkate II', de ouro amarelo de 18 quilates. Aparece, para a alegria dos seus súbditos, totalmente personalizado com diamantes de qualidade VS+, ajustado à mão no estojo, pulseira e moldura. É o último modelo Rolex.

Alto nível

Amar, segundo Fjord, é o azul francês lindo e profundo, quente e exuberante. Esta pasta apresenta uma textura aveludada de um touro adulto. É extremamente durável e impermeável! A Hermes tem um toque ligeiro de grão visível, além das veias verticais quando visualizadas à distância.

Nuances únicas

Esta Crogo é, na verdade, a menina de luxo italiana, feita de couro e 100% impresso em camurça. Estas sapatilhas encontram disponíveis em vários tamanhos e somente de borracha vermelha, devidamente colada e costurada. As nuances de cor de couro não são um defeito de fabrico, são, antes, uma garantia de singularidade.

TURISMO

Entre o mar e o deserto

Aqui, o deserto encontra-se com o mar, criando paisagens de rara beleza. Tem um potencial turístico com destaque para as pinturas rupestres e a Welwitschia Mirabilis, símbolo da resistência no deserto.

Namibe proporciona condições turísticas espectaculares em especial para os amantes do deserto, mas também do mar e da fauna. Existem, na província, alguns parques que importa mencionar, com realce para o Nacional do Iona, constituído em 1937.

A Reserva Especial do Namibe, com mais de 4.000 quilómetros, foi constituída como reserva especial em 1957. Tem uma fauna muito variada que inclui avestruzes, rinocerontes, zebras, guelengues, leões, elefantes e suricatas.



AUTOMÓVEL

Dinâmico e desportivo

O novo Classe E é um dos executivos de maior prestígio. Na sua décima geração, chega em duas versões e destaca-se pelo diferenciado design emocional. A parte traseira de baixo peso e números recordes em eficiência aerodinâmica proporcionam uma condução confortável e segura.

Já o interior é um admirável mundo novo, com refinamento e inovações tecnológicas. O acabamento polido é feito em materiais de altíssima qualidade que abrigam sistemas

de informação, entretenimento e controlos que integram o conceito 'Intelligent Drive', e que, juntos, oferecem uma experiência de condução semi-autónoma sem precedentes.

A versão Avantgarde apresenta uma aparência dinâmica e desportiva. O seu perfil moderno está presente em diversos detalhes, como a estrela Mercedes-Benz na grade frontal, rodas desportivas com cinco raios, acabamento interno em alumínio e bancos com revestimento em couro.



AGENDA

LUANDA

13 E 14 DE DEZEMBRO

16.ª Edição do 'Há Teatro no Camões', no auditório Pepetela do Centro Cultural Português. As 17 horas. Entradas livres.

15 DE DEZEMBRO

Inauguração da exposição Individual 'Coisa de Preto', de Armando Scoott, na Galeria Hall de Lima Pimentel, em Luanda. A partir das 18 horas.

16 DE DEZEMBRO

Gala FAF 'Prémios de Futebol Palancas Negras', a partir das 19 horas no Centro de Conferência de Belas.

16 DE DEZEMBRO

Feira de equipamentos de segurança, no Mercado Urbano, do Xyami Shopping, do Nova Vida. A partir das 8 horas. Entradas livres.

20 DE DEZEMBRO

Lançamento do livro 'Flores não são para os mortos', de Rosa Soares, no Palácio de Ferro. As 17h:30.

“ Os artistas só precisam de espaço e oportunidades para fazerem o seu trabalho, e não de serem barrados sempre, sempre e sempre. ”

LIVONGH, MÚSICO E PRODUTOR MUSICAL

“Existem muitas barreiras contra muitos artistas”

MÚSICA. Autor de sucessos como ‘Maria do Castelo’, ‘Mamã me acode’ e ‘Cola Semba’, Livongh deve apresentar, em breve, a sua nova obra a solo. Apesar de se sentir reconhecido, lamenta a existência de barreiras contra muitos artistas e apela a uma maior intervenção do Ministério da Cultura.

Por Amélia Santos

Sente-se reconhecido?

Sinto-me reconhecido, embora ainda falte mais trabalho de divulgação e apoio. Mas já sinto um pequeno ‘feedback’. Acho que devia ser mais reconhecido por estar a fazer muito pela nossa música, mas ainda existem muitas barreiras contra muitos artistas.

Que tipo de barreiras?

Ainda há muita dificuldade. Não há apoios, não há divisas, não há direitos autorais, não há respeito como devia ser. É uma aventura!

O que pode ser feito?

Valorizar o músico e a sua obra. Os direitos autorais cá, em Angola, repito, ainda não funcionam. É lamentável.

E como avalia o actual estado da música nacional?



PERFIL

Nome: Miguel Gervásio Livongue
Nascimento: 29/10/1980
Naturalidade: Namibe
Referências musicais: Stivie Wonder, Kassav, Acapaná, O2, MJ
Artistas angolanos: Walter Ananaz, Edmasia, Robertinho, Don Kikas, Gabriel Tchiema
Estilo musical: Kilapanga
Álbuns: ‘Meu mundo’ e um CD em grupo
Prato preferido: Bacalhau com natas, funje com peixe seco e verduras.
País dos sonhos: Rússia



Ainda há muita dificuldade. Não há apoios, não há divisas, não há direitos autorais, não há respeito como devia ser. É uma aventura!

A música nacional está a dar pequenos passos e já há uma grande diferença entre o passado e o presente. Infelizmente, os estilos ‘mais nossos’ não são valorizados como deviam. Os nossos filhos não ouvem nem vêem a nossa cultura. Os grandes ‘shows’ esquecem-se disso. Ainda não se fez quase nada, mas pode fazer-se muito mais.

Como está a sua agenda internacional? Está cada vez melhor. Já fiz várias

atividades em Portugal, Moçambique, África do Sul, Macau, Houston, Namíbia e agora estou a negociar o próximo verão para a Europa.

Quais são os seus maiores sucessos?

Já produzi vários, como ‘Cola Semba’ e ‘Maria do Castelo’. E para outros artistas como Eddy Tussa, Yola Semedo, Cilana, Roxane, Robertinho, Proletário, entre outros. De um modo geral, sinto muito prazer em gravar com eles, porque todos são bons vocalistas e grandes profissionais.

Está a desenvolver algum trabalho no momento?

Nesse momento, estou a finalizar o meu álbum e os participantes internacionais serão dois, mas só os vou divulgar no fim do trabalho.

Sente-se mais confortável a cantar ou a produzir?

Sinto-me mais confortável a cantar. Produzir é difícil. Exige tempo e paciência, coisa que os clientes nunca têm. Querem tudo rápido.

O que gostaria que o Ministério da Cultura fizesse pelos artistas?

Gostaria que empregasse músicos para trabalharem como deve ser.

Como assim?

No meu caso, gostaria de ter mais trabalho musical e sempre mais respeito. Os artistas só precisam de espaço e oportunidades para fazerem o seu trabalho, e não de serem barrados sempre, sempre e sempre. Vejo muitos colegas talentosos, mas sem hipóteses.

Como vê os concursos de música nacional?

Sobre concursos, não tenho muito a dizer. Não gosto de competir.

Como recorda o aplauso à sua produção no Festival da LAC, em 2016?

Quanto ao festival da LAC, tem sido uma honra fazer parte. Já é a terceira vez que me é confiada a produção dessas rapsódias e, graças a Deus, tem-me dado muita felicidade. Já me sinto filho da LAC. É uma experiência emocionante do princípio ao fim.

Como se descreve como artista?

Descrevo o Livongh como um artista completo, talvez humilde, sério no trabalho, pontual, simples, sensível e muito feliz.

NÚMEROS DA SEMANA

375

É o número de empregos que o terceiro hipermercado 'Candando', em Viana, criou. O empreendimento foi inaugurado na última quinta-feira, 7 de Dezembro.

1,2

Milhões é a quantidade de metros cúbicos de água, que Luanda necessita diariamente para cobrir as necessidades da população. A capacidade real disponível actualmente é de 516,582 metros cúbicos.

250

milhões de dólares é o valor que o governo de Israel revelou ter disponível para investir em Angola, nas áreas da agricultura, águas e energia, anunciou o seu embaixador acreditado no país, Oren Rozenblat.

25,5

Milhões de euros é o valor do programa emergencial que o governo da província de Benguela criou para reabilitar e construir reservatórios de água para dar de beber ao gado, devido à seca.



ACORDO ENTRE A SONANGOL E A TOTAL

Opinião de Isabel dos Santos não “se deve descartar”

A opinião de Isabel dos Santos em relação ao acordo assinado entre a Sonangol e petrolífera Total para que a francesa passe a operar no segmento da distribuição não se deve “descartar”, segundo fonte da Sonangol familiar ao processo.

Na sequência de um elogio público com recurso às redes sociais do ministro da Comunicação, João Melo, à assinatura do referido contrato, a antiga PCA da Sonangol apelou para os riscos, salientando que “85% do lucro da Sonangol Distribuição vem de 75 Postos de abastecimento. E são estes que a TOTAL pediu pra ficar com eles! Vamos ver próximo capítulo”. Desta feita, Isabel dos Santos deixa a entender que este foi um dos motivos pelos quais suspendeu a assinatura dos acordos ora rubricados e que estavam negociados desde 2015.

“Estes projectos não são novos, qualquer um dos assinados está em carteira na Sonangol, há mais de dois anos tanto o do bloco 48 (memorando assinado em dez 2015) como o da distribuição (que também terá sido assinado em 2015). O mesmo se passa com os projectos assinados com a ENI. São todos antigos, foram suspensos pela administração de Isabel dos Santos. Em relação ao contrato para a distribuição, o ideal seria haver a abertura já e a Total entrar sozinha, traria mais benefícios para o país. Quanto ao comentário de Isabel dos Santos, apesar de se reconhecer que a Total trará eficiência, “não é de se descartar”, comentou a fonte do VE.

Segundo o acordo para a distribuição, pretende-se criar uma companhia em espécie de joint venture (50% para Sonangol e 50%

para Total), para trabalhar na distribuição de produtos refinados.

“De sublinhar que neste capítulo, e, em obediência à estratégia do executivo, a Sonangol manteve contactos com outros actores, na perspectiva da sã concorrência, de mais qualidade e de melhores preços, evitando os monopólios. A entrada de um novo distribuidor de refinados no mercado deverá levar aos reposicionamentos da Sonangol Logística e Sonangol Distribuidora”, adianta a petrolífera. A parceria será extensiva à importação de derivados, assim que for regulamentada a liberalização do mercado. Neste momento, a Trafigura é o importador do gasóleo e a Vitol da gasolina. “A entrada de novos importadores irá, de certeza, beneficiar o mercado. O Objectivo tem que ser para o benefício do utilizador final, a população”, argumentou a fonte.

NAS RENOVÁVEIS
Angola e EAU analisam parcerias

Angola e os Emirados Árabes Unidos definiram, no dia 7 de Dezembro, as áreas da agricultura, energias renováveis, petróleo e gás para o reforço da cooperação entre os dois países, como base para uma parceria estratégica.

A intenção foi assumida pelo ministro das Relações Exteriores de Angola, Manuel Augusto, no final da audiência que o Presidente João Lourenço concedeu ao xeque da região Oeste dos Emirados Árabes Unidos, Hamdan Bin Zayed Bin Sultan Al Nahyan.

A visita sincre-se no âmbito de um dos “pilares estratégicos do programa do Governo, que é a procura de parcerias estratégicas, que possam ter capacidade financeira como conhecimentos e domínios da técnica, ajudando Angola a desenvolver os seus programas inseridos no Plano de Desenvolvimento”, segundo Manuel Augusto, que lembrou haver já um acordo entre os dois Estados, mas que “precisam identificar projectos exequíveis”.



O VALOR ESTA SEMANA

FORD VAI INVESTIR

Montagem em Angola

Angola poderá ter uma linha de montagem da marca norte-americana de carros Ford, a partir do próximo ano, segundo o o administrador-delegado da Robert Hudson, Carlos Cerqueira. As negociações para a construção da fábrica estão em curso. Pág.18

TELEFONIA

Mais de 10 mil registos

Angola registou, até Outubro do corrente ano, 10,4 milhões de cartões da telefonia móvel e fixa desde o início da operação em 2015, segundo o Inacom. Do total de utilizadores, a operadora Unitel detém o maior nove milhões de clientes, cerca de 87%, enquanto a Movitel 1,3 milhões. Pág.10



OBJECTIVOS EM 2017

Banco Yetu falha

O conselho de administração do Banco Yetu projecta encerraR o exercício de financeiro de 2017 com resultados abaixo das metas traçadas pelos accionistas, revelou ao VE o administrador executivo Fernando Vunge. Pág.15